UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E SECRETARIADO EXECUTIVO.
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

BALANÇA COMERCIAL NO CEARÁ ENTRE 1995 E 2010

Fortaleza

2016

DIONATHA ALVES BARBOSA

BALANÇA COMERCIAL NO CEARÁ ENTRE 1995 E 2010.

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos.

Fortaleza

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

B196b Barbosa, Dionatha Alves.
Balança comercial no Ceará entre 1995 e 2010 / Dionatha Alves Barbosa. - 2015.
76 f. : il., color.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2015.
Orientação: Prof. Dr. José de Jesus Souza Lemos.

1. Balança comercial – Ceará. 2. Exportação – Ceará. 3. Importação – Ceará. I. Título.

CDD 330

DIONATHA ALVES BARBOSA

BALANÇA COMERCIAL NO CEARÁ ENTRE 1995 E 2010.

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Economia.

Aprovado em __/__/___

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. José de Jesus Sousa Lemos (Orientador)

_____

Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira (1° Examinador)

_____

Janaína Araújo Barbosa (2° Examinador)

A Deus.

Aos meus pais, Raimundo Barbosa e Rosa de Lima.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças durante a jornada acadêmica.

Aos meus pais Raimundo Barbosa e Rosa de Lima que me ensinaram a ter caráter, a dar valor as coisas simples da vida e me apoiaram sempre em minhas decisões pessoais e profissionais. A minha irmã Dyeme Barbosa que convive comigo as dificuldades acadêmicas enfrentadas.

A minha namorada Maria Nielma que sempre me apoiou nos momentos de cansaço.

Ao meu orientador professor Lemos que contribuiu guiando-me na realização deste trabalho e seus conhecimentos nas disciplinas obrigatórias.

E a todos os amigos e funcionários que conheci durante esse período acadêmico e que contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

“O comércio exterior poderia ser mutuamente proveitoso para todos os países participantes – um instrumento para a expansão dos níveis de expansão dos níveis de produção e para a extensão dos benefícios das trocas internacionais aos consumidores, pela resultante redução dos custos e de preços finais”

Adam Smith

RESUMO

Durante a década de 1970, o governo cearense deu o primeiro passo para estimular a balança comercial cearense criando políticas de incentivos, através do FDI (Fundo de Desenvolvimento Industrial) mantinha-se o objetivo de atrair investimentos para o setor industrial. O FDI sofreu alguns ajustes durante os anos, o PROVIN (Programa de Atração de Investimentos Industriais) foi um instrumentos para atrair empreendedores para o Ceará. Em meados da década de 1990 foram traçadas metas de alcançar US$ 1 bilhão em exportações, atingida em 2007 com US$ 1,14 bilhão, enquanto as importações obtiveram a marca de US$ 1,1 bilhão em 2006. Além das políticas de incentivos, a buscas de novos parceiros comerciais, valorização da moeda brasileira e apreciação das **commodities** foram alguns dos fatores preponderantes para o melhor desempenho da balança comercial. O objetivo deste trabalho é descrever e analisar a evolução da balança comercial do Ceará entre os anos de 1995 e 2010 utilizando dados secundários, com uso de pesquisa documental e bibliográfica, e com natureza explicativa e descritiva. Os resultados verificados apontam que as exportações cresceram 251%, as importações se elevaram em 235% e o saldo da balança comercial piorou em 205% ao longo dos 15 anos.

Palavras-Chave: Exportação. Importação. Transações Comerciais.

ABSTRACT

During the 1970's, the Ceará government took the first step to stimulate Ceará trade balance creating incentive policies by the FDI (Industrial Development Fund) stood-order to attract investment to the industrial sector. The FDI suffered some adjustments over the years, PROVIN (Attraction Program of Industrial Investments) was an instrument to attract entrepreneurs to Ceará. In the mid-1990's were set targets to achieve $ 1 billion in exports in 2007 reached US $ 1.14 billion, while imports gained the $ 1.1 billion mark in 2006. In addition to the incentive policies the search for new trading partners, appreciation of the Brazilian currency and appreciation of commodities were some of the important factors for the improved performance of the trade balance. The objective of this study is to describe and analyze the evolution of the trade balance of Ceará between 1995 and 2010 using secondary data, using documentary and bibliographic research, and explanatory and descriptive nature. The results obtained show that exports grew 251%, imports rose by 235% and the trade balance deteriorated by 205% over the 15 years.

Keywords: Export. Import. Business Transactions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Possibilidade de um país possuir vantagem absoluta em um produto.....21

Quadro 2. Possibilidades de um país ter vantagem comparativa em todos os produtos.....21

Quadro 3. Possibilidades de um país produzir dois bens diferentes.....22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Balança comercial - Ceará – 1995 à 1998.....36

Gráfico 2. Principais Produtos Exportados - Ceará - 1995 à 1998.....37

Gráfico 3. Principais Produtos Importados - Ceará - 1995 à 1998.....38

Gráfico 4. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 1995 à 1998.....39

Gráfico 5. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 1995 à 1998.....40

Gráfico 6. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1995 à 1998.....41

Gráfico 7. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1995 à 1998.....42

Gráfico 8. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 1995 à 1998.....43

Gráfico 9. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 1995 à 1998.....44

Gráfico 10. Balança comercial - Ceará – 1999 à 2002.....46

Gráfico 11. Principais Produtos Exportados - Ceará - 1999 à 2002.....47

Gráfico 12. Principais Produtos Importados - Ceará - 1999 à 2002.....48

Gráfico 13. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 1999 à 2002.....49

Gráfico 14. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 1999 à 2002.....50

Gráfico 15. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1999 à 2002.....51

Gráfico 16. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1999 à 2002.....52

Gráfico 17. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 1999 à 2002.....53

Gráfico 18. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 1999 à 2002.....54

Gráfico 19. Balança comercial - Ceará – 2003 à 2006.....56

Gráfico 20. Principais Produtos Exportados - Ceará - 2003 à 2006.....57

Gráfico 21. Principais Produtos Importados - Ceará - 2003 à 2006.....58

Gráfico 22. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 2003 à 2006.....59

Gráfico 23. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 2003 à 2006.....60

Gráfico 24. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2003 à 2006.....61

Gráfico 25. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2003 à 2006.....62

Gráfico 26. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 2003 à 2006.....63

Gráfico 27. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 2003 à 2006.....64

Gráfico 28. Balança comercial - Ceará – 2007 à 2010.....65

Gráfico 29. Principais Produtos Exportados - Ceará - 2007 à 2010.....66

Gráfico 30. Principais Produtos Importados - Ceará - 2007 à 2010.....67

Gráfico 31. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 2007 à 2010.....68

Gráfico 32. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 2007 à 2010.....69

Gráfico 33. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2007 à 2010.....70

Gráfico 34. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2007 à 2010.....71

Gráfico 35. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 2007 à 2010.....72

Gráfico 36. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 2007 à 2010.....73

LISTA DE SIGLAS

ALADI - Associação Latino Americana de Integração

COPOM - Comitê de Política Monetária

FED - Federal Reserve

FHC - Fernando Henrique Cardoso

FMI - Fundo Monetário Internacional

LRF - Lei de Responsabilidade fiscal

MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

NAFTA - Acordo Norte-Americano de Livre Comércio

PCDI - Programa de Desenvolvimento do Comércio Internacional e das Atividades Portuárias

PIB – Produto Interno Bruto

PROAPI - Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais

PROVIN - Programa de Atração de Investimentos Industriais

PT - Partido dos Trabalhadores

RMF - Região Metropolitana de Fortaleza

SECEX – Secretaria de Comércio Exterior

UE - União Europeia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....17

2. REFERENCIAL TEÓRICO.....19

2.1. Conceitos de exportação e importação.....19

2.2. Substituição de importação.....19

2.3. Liberalização do comércio.....20

2.4. Vantagem comparativa.....21

2.5. Custo de oportunidade.....22

2.6. 1995 – 1998: Plano de Desenvolvimento Sustentável.....23

2.7. 1999 a 2002: Consolidando o Plano de Desenvolvimento no Ceará.....26

2.8. 2002 à 2006: O bom desempenho da balança comercial durante o governo de Lúcio Alcântara.....28

2.9. De 2007 a 2010: Desaceleração econômica afeta o Brasil e o Ceará.....31

3. METODOLOGIA.....34

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....35

4.1. Balança comercial do Ceará entre 1995 e 1998.....35

4.1.1. *Principais produtos da pauta de exportações cearense entre 1995 e 1998*.....36

4.1.2. *Principais produtos da pauta de importação cearense entre 1995 e 1998*.....37

4.1.3. *Principais Países*.....38

4.1.4. *Blocos* econômicos.....40

4.1.5. *Fatores Agregado*s.....43

4.2. Balança comercial do Ceará entre 1999 e 2002.....45

4.2.1. *Principais produtos da pauta de exportações cearense entre 1999 e 2002*.....46

4.2.2. *Principais produtos da pauta de importação cearense entre 1999 e 2002*.....47

4.2.3. *Principais Países*.....49

4.2.4. *Blocos econômicos*.....50

4.2.5. *Fatores Agregados*.....53

4.3. Balança comercial do Ceará entre 2003 e 2006.....54

4.3.1. *Principais produtos da pauta de exportações cearense entre 2003 e 2006*.....56

4.3.2. *Principais produtos da pauta de importação cearense entre 2003 e 2006*.....57

4.3.3. *Principais Países*.....59

4.3.4. *Blocos econômicos*.....60

4.3.5. *Fatores Agregados*.....63

4.4. Balança comercial do Ceará entre 2007 e 2010.....64

4.4.1. *Principais produtos da pauta de exportações cearense entre 2007 e 2010*.....65

4.4.2. *Principais produtos da pauta de importação cearense entre 2007 e 2010*.....66

4.4.3. *Principais Países*.....67

4.4.4. *Blocos econômicos*.....69

4.4.5. *Fatores Agregados*.....71

5. CONCLUSÃO.....74

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....76

7. ANEXO A – BALANÇA COMERCIAL DO CEARÁ (1995 – 2010).....78

1. INTRODUÇÃO

Diante das ações, planos e programas implementados pelos governos cearenses durante o período de 1995 e 2010 que visaram garantir o desenvolvimento do estado, foi presenciado um crescimento na balança comercial do Ceará. Conforme os dados publicados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os índices de exportações ultrapassaram US$ 1 bilhão durante a primeira década de 2000, enquanto as importações chegaram à US$ 2 bilhões no ano de 2010.

Pontes e Almeida (2003) afirmam que após a implementação da estratégia de descentralização industrial brasileira através de incentivos à inserção industrial nos estados de Bahia e Pernambuco, foi instalado no Ceará o III Polo Industrial em 1979, e através, do PROVIN (Programa de Atração de Investimentos Industriais), que passou por várias reformulações, buscou-se desenvolver a RMF (Região Metropolitana de Fortaleza) e o interior do estado através de incentivos fiscais com o objetivo de atrair indústrias para estas regiões.

Guimarães (2010) discorre que o PCDI (Programa de Desenvolvimento do Comércio Internacional e das Atividades Portuárias) e o PROAPI (Programa de Incentivos às Atividades Portuárias e Industriais), através de empréstimos e subsídios, foram fundamentais para o desenvolvimento da economia cearense, e que o segundo programa foi essencial quanto ao financiamento do capital de giro das empresas industriais exportadoras de calçados.

Utilizando-se do aporte de levantamentos de dados e de indicadores macroeconômicos, este trabalho recorre ao estudo da evolução da economia cearense no contexto dos condicionantes histórico-estruturais a partir de 1995 até 2010, com vistas a analisar os fatores que levaram à expansão da balança comercial cearense.

Além da introdução e conclusão, este trabalho apresenta mais três seções cujo objetivo é tentar explicar a evolução da balança comercial cearense no período de 1995 à 2010. Na primeira seção será exposto o referencial teórico utilizado para realização deste trabalho. Na segunda seção irá conter a metodologia empregada na obra. Na terceira seção encontrar-se-á os resultados da pesquisa, será visto o impacto nas exportações e importações das políticas econômicas brasileira e cearense adotadas no final da década de 1990 e durante o início dos anos 2000.

Este trabalho traz como objetivo apresentar e examinar o desempenho das exportações e importações cearenses no período entre 1995 e 2010 com seus respectivos resultados na Balança Comercial.

Com a finalidade de se realizar uma análise crítica do trabalho apresentado, é necessário examinar variáveis econômicas e relacioná-las com os resultados obtidos. Sendo assim, será apresentado os seguintes objetivos específicos:

a) Avaliar o desempenho dos principais produtos de exportação e importação, juntamente com seus efeitos na balança comercial cearense entre os anos de 1995 e 2010;
b) Identificar os maiores países e blocos econômicos que são parceiros comerciais do Ceará;
c) Analisar os resultados obtidos e suas implicações sobre variáveis macroeconômicas como substituições de importação, liberalização do comércio.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Conceitos de exportação e importação

Houaiss (2001, p. 191) define o conceito de exportação como sendo "a venda ou envio de produtos para fora do país, estado, cidade", onde as relações comerciais se abrangem para além do território nacional.

A decisão de uma empresa de enfrentar as enormes dificuldades para exportar suas mercadorias se dá pelo fato dela querer expandir seus lucros, sua produção e produtividade, segundo Dias e Rodrigues (2008). Os autores retificam que além dos objetivos principais, pode-se mencionar como vantagens às empresas exportadoras as trocas tecnológicas e a geração de empregos. Logo, o país se beneficiará com a entrada de divisas externas, e consequentemente obtendo maior estabilidade na economia. Não se pode apenas levar em consideração os benefícios para lançar-se nas exportações, é necessário profissionalismo, competitividade e criatividade, domínio da área a qual atua e perseverança.

A importação é a entrada de mercadorias no país, estado ou cidade e é tão importante quanto a exportação. Nenhuma nação se desenvolve isoladamente, "seja pela limitação de seus recursos naturais, pela capacidade produtiva de sua mão-de-obra ou pela diferença de estágio de desenvolvimento tecnológico" (Diaz e Rodrigues, 2008, p.213).

Sendo assim, as importações são determinantes para suprir necessidades de produtos por parte da população do país e bens de capital essenciais às empresas, por conseguinte estimulando às empresas nacionais a desenvolver seus processos produtivos e melhorar a qualidade de seus produtos.

2.2. Substituição de importação

Krugman (2010) afirma que a partir da Segunda Guerra Mundial um dos meios mais defendidos pelas nações em desenvolvimento de se obter avanços em seus setores manufatureiros seria protegendo-os da concorrência estrangeira. O citado autor afirma que o avanço da indústria nascente foi o argumento mais utilizado para limitar a importação de bens manufaturados por parte de vários países visando o crescimento industrial doméstico.

De acordo com o argumento da indústria nascente, as nações em desenvolvimento deveriam utilizar-se de tarifas de importação mais elevadas com o objetivos de proteger temporariamente seus setores industriais em processo inicial até que atingissem uma certa maturidade e passassem a concorrer com os produtos dos países desenvolvidos.

Mas, problemas em relação à substituição de importações devem ser observados. Segundo Krugman (2010), é necessário que os países decidam proteger um setor apenas quando atingir um acúmulo de capital o suficiente para obter uma vantagem comparativa, pois caso a decisão de desenvolver um setor com capital escasso e mão-de-obra desqualificada é enorme a chance de não obter os resultados desejados. Outro problema consiste em intervir nos setores que se desenvolveriam mesmo sem proteção, levando à impressão de que o desenvolvimento foi ocasionado pela medida protecionista, porém pode ter causado um custo à economia.

O autor acima citado afirma que se o país que optar em proteger determinado setor, mas não obtiver vantagem comparativa através de mão-de-obra qualificada, competência gerencial e organização social, provavelmente a substituição de importações não alcançará os resultados esperados. Outros pensadores afirmam que a substituição de importação pode ocasionar a agravação de problemas como desigualdade de renda e desemprego.

2.3. Liberalização do comércio

Em contrapartida às restrições aos produtos importados decorrente das substituições de importação, os países em desenvolvimento passaram a adotar a remoção ou redução de tarifas em cima de mercadorias proveniente de outros países a partir da metade da década de 1980.

Segundo Krugman (2010), a liberalização do comércio nos países em desenvolvimento ocasionou dois efeitos: o primeiro foi o considerável aumento do volume de exportações e importações destas nações; e o segundo foi a característica dos produtos exportados, pois até o início da década de 1980, as principais pautas exportadoras dos países em desenvolvimento eram os produtos provenientes da agricultura e mineração, e após a liberalização do comércio produtos manufaturados

aumentaram suas participações nas exportações chegando a ser os principais produtos em alguns países em desenvolvimento.

Mas, o autor afirma que tanto a substituição de importações como a liberalização do comércio devem ser um meio para o desenvolvimento e não o objetivo principal, e que os resultados não foram homogêneos já que em alguns países observou-se que as taxas de crescimento tornaram-se lentas, ao passo que outras nações obtiveram considerável aceleração econômica.

2.4. Vantagem Absoluta e Vantagem Comparativa

O comércio entre países nasce da necessidade de seus habitantes em consumir bens e serviços os quais suas respectivas nações não têm capacidade de produzi-los. Diversos autores dedicaram-se às teorias econômicas voltadas para as trocas comerciais entre países. Dentre eles destacaram-se Adam Smith e David Ricardo, os quais defendiam o livre comércio e a atenção do Estado voltada, principalmente, para as necessidades básicas da população como saúde, educação, segurança com o intuito de promover o bem-estar social.

Segundo Dias e Rodrigues (2008, p. 53), a teoria da vantagem absoluta de Adam Smith "parte da ideia de que cada país deve se concentrar em produzir aquilo que lhe é naturalmente vantajoso, isto é, o tipo de mercadoria que consegue produzir mais barato que em qualquer lugar no mundo".

Conforme o quadro a seguir: pode-se observar que, de acordo com Adam Smith, o país A tem uma vantagem absoluta em relação ao país B ao produzir o produto 1, logo se especializaria na produção dessa mercadoria. Ao passo que o país B tem vantagem comparativa absoluta em relação ao produto 2, que iria se dedicar à sua fabricação, e consequentemente, trocariam ambos os produtos entre si.

Quadro 1. Possibilidade de um país possuir vantagem absoluta em um produto

País	Produto 1	Produto 2
A	50	8
B	30	20

Fonte: Criada a partir dos trabalhos de Ratti, 2006.

Ricardo (1982) apud Dias e Rodrigues (2008) aperfeiçoou a ideia de Smith, onde mostrou que o comercio entre nações pode ser vantajoso para ambos mesmo quando um país consegue ser mais produtivo que o outro em todas as mercadorias, mas sua vantagem pode ser maior em alguns produtos do que em outros. No quadro 2 pode-se observar que mesmo obtendo um desempenho melhor em ambos os produtos, o país B tem uma vantagem maior se produzir o bem 2 do que se produzisse o bem 1. Enquanto o país A tem uma vantagem comparativa maior caso se dedique à produção do bem 1 e uma desvantagem na produção do bem 2, levando-os, posteriormente, à troca de excedentes.

Quadro 2. Possibilidades de um país ter vantagem comparativa em todos os produtos

País	Produto 1	Produto 2
A	50	8
B	60	20

Fonte: Criada a partir dos trabalhos de Ratti, 2006.

2.5. Custo de oportunidade

O pensamento Clássico de Smith e Ricardo sobre os custos de produção consideram que apenas o valor trabalho incide sobre o valor da mercadoria, desconsiderando fatores como matéria-prima, tecnologia, mão-de-obra, entre outros. Outros pensadores buscaram aperfeiçoar os estudos sobre as Vantagens Comparativas e perceberam que um país ao aumentar a produção de determinada mercadoria, outro produto será menos produzido.

Quadro 3. Possibilidades de um país produzir dois bens diferentes

Combinações	Quantidade	
	Bem 1	Bem 2
A	800	0
B	600	300
C	400	600
D	200	900
E	0	1200

Fonte: Criada a partir dos trabalhos de Ratti, 2006.

Segundo Ratti (2006, p. 324), "o custo de oportunidade corresponde ao número de unidades de um produto que deverão ser sacrificadas para que se possa produzir uma unidade adicional de outro produto."

Ao analisar os dois produtos do quadro 3 (três), é possível observar que para produzir 300 unidades do bem 2, o bem 1 irá diminuir em 200 unidades sua produção.

Logo,

200 Bem 1 = 300 Bem 2

Bem 1 = 1,5 Bem 2

Bem 2 = 0,67 Bem 1.

Sendo assim, o custo de oportunidade de produção do bem 1 será 1,5 bem 2. Enquanto o custo de oportunidade do bem 2 será de 0,67 do bem 1. Neste caso considera-se que os custos de produção são constantes.

2.6. 1995 – 1998: Plano de Desenvolvimento Sustentável

As etapas estão organizadas de quatro em quatro anos de acordo com o período do governo vigente, tendo em vista que há diferenças administrativas de um governo pro outro, mesmo quando há reeleição. Sendo assim, o período entre 1995 e 1998 é inicialmente marcado pela posse de Fernando Henrique Cardoso à presidência do Brasil em 1º de maio com a promessa de fazer uma política de comércio exterior

voltada para a inserção internacional brasileira. Nesse período ocorreram fatos marcantes como a alteração cambial vinculada ao dólar, passando a adotar uma política de flexibilidade; a crise mexicana; programas de privatizações das empresas estatais, os quais várias empresas públicas foram vendidas e registrou-se um aumento na entrada de empresas multinacionais no país.

O governo FHC deu ênfase à integração com os países que compõem o Mercado Comum do Sul (Mercosul) através de política de abertura comercial. Este bloco econômico, que foi o objetivo principal do Tratado de Assunção, foi assinado em 26 de março de 1991, o qual as principais finalidades seriam uma integração entre países membros por meio de uma livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos. Em 1996, o Chile e a Bolívia tornam-se membros associados e juntaram-se ao Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, estes últimos já integrantes do bloco econômico como Estados Partes desde seu início.

Lopes (1986) apud Lemos (2012) diz que o governo de Fernando Henrique Cardoso é marcado pela Política de Privatizações. O trecho abaixo cita bem o que o autor quer mostrar:

> Ancorado nos bons resultados do Plano Real, FHC se elegeu Presidente da República em 1994, derrotando Lula que fazia a sua segunda tentativa de se eleger para aquele cargo. Como medidas complementares à estabilização monetária, o Plano Real previa, acertadamente, privatização de empresas estatais que eram reconhecidamente ineficientes, focos de corrupção política e cabides intermináveis de empregos para familiares, cabos eleitorais e amigos apadrinhados de políticos. Essas medidas, juntamente com uma abertura maior da economia brasileira, seriam implantadas já no Governo de FHC que substituíra Itamar Franco a partir de primeiro de janeiro 1995. (Lopes, 1986 apud Lemos, 2012, p. 30)

Nesse cenário é possível observar que houve uma enorme entrada de capitais estrangeiros, venda de grande número de empresas nacionais e uma enorme inserção de multinacionais no país. Além de trazer benefícios como melhora na qualidade dos produtos, investimentos, abertura do mercado interno, entre outros, a abertura ao mercado internacional tornou necessária a adoção de uma política de altas de juros para conter a inflação e a valorização da taxa de câmbio, que tornou prejudicial para os exportadores e gerou déficits na balança comercial:

> A taxa de câmbio permanecia sob o controle da autoridade monetária (Banco Central), no regime de "bandas cambiais", em que lhes eram "permitidas" flutuarem entre valores mínimos e máximos, estabelecidos por aquela autoridade monetária. Contudo, isso gerava crises cambiais. Os preços estavam estabilizados internamente, mas a balança comercial apresentava déficits crescentes. As reservas cambiais do país caíram para níveis assustadores. (Lemos 2012, p. 30)

O governo de FHC sofreu consequências da crise na Rússia, onde foi observado uma saída intensa de capitais de curto prazo e uma diminuição do volume de crédito oferecido pelas instituições privadas. Nesse cenário, o governo brasileiro enxergou a necessidade de buscar receita junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que impôs mais controle fiscal, mais restrição ao crédito interno. (Lemos, 2012, p. 30).

No âmbito cearense, Tasso Jereissati assumiu o governo estadual pela segunda vez, a primeira foi no período de 1987-1991 com seu Plano de Mudanças, e traz consigo o Plano de Desenvolvimento Sustentável, o qual enfatiza a necessidade de aumento na profundidade do Porto do Mucuripe e construção de um complexo portuário que não fosse na região portuária, com o objetivo de expandir a capacidade de fluxo de mercadorias e instalação de uma refinaria e siderúrgica no estado. Durante o segundo mandato de Tasso Jereissati, é possível notar uma expansão dos polos industriais em diferentes regiões do estado, principalmente, nos setores de calçados, eletrônicos, metal-mecânico e confecção.

Foram criados o PDCI e o PROAPI que utilizavam recursos do Fundo de Desenvolvimento Industrial para desenvolver a economia do estado. De acordo com Guimarães (2010, p.20), "o PDCI, através do Decreto nº 24.249 de 25 de Outubro de 1996, visava ao desenvolvimento das atividades relacionadas com o comércio internacional e às atividades portuárias, dimensionando empréstimo e subsídios". O citado autor afirma também que o PROAPI "foi criado em julho de 1997 através do decreto nº 24.530 e tinha como características principais o financiamento do capital de giro das empresas industriais exportadoras, de partes ou componentes de calçados, ou do produto como um todo e de artefatos em couro" Guimarães (2010, p.20).

2.7. 1999 a 2002: Consolidando o Plano de Desenvolvimento no Ceará

No ano de 1999 o segundo governo de Fernando Henrique Cardoso adotou uma série de medidas para controlar o efeito da crise mundial no Brasil. De acordo com Giambiagi et al. (2011), para o período que se trata, as mudanças mais importantes foram:

a) Aprovação da Lei de Responsabilidade fiscal (LRF);
b) Ajuste fiscal a partir de 1999;
c) Criação de uma série de agências reguladoras de serviços de utilidade pública;
d) Estabelecimento do sistema de metas de inflação como modelo de política monetária.

De acordo com Giambiagi et al. (2011), a LRF restringiu as renegociações de dívidas entre as entidades do Estado e obrigou a redução com gasto de pessoal entre as esferas dos três poderes. O autor ressalta também que, o programa de ajuste fiscal foi essencial para executar uma restrição orçamentária, tendo em vista os enormes gastos do governo para os anos anteriores àquele período. Para complementar estas respostas do governo brasileiro, é adotada a política de "livre" flutuação do câmbio a partir de 15 de janeiro de 1999. Com a desvalorização, houve uma desvantagem à importação.

Mas nesse período houve muitas dificuldades à economia brasileira, as quais podemos citar a crise energética, que se deu pela falta de desenvolvimento no setor, onde a obsolescência e o alto consumo afetaram indústrias, comércios, residências; a Argentina, que foi atingida em cheio pela crise internacional e sua política de igualar sua moeda junto ao dólar; o embargo à carne bovina brasileira com alegação por parte do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) de que estava infectada com a doença da vaca louca. A estabilização brasileira ocorre, mas os outros parceiros do Mercosul são afetados pela crise internacional e nosso principal parceiro desse bloco, a Argentina, é atingida em cheio por essa adversidade fazendo com que seus produtos percam a competitividade no mercado internacional.

No final de 2002, a crise Argentina se intensifica. Sua moeda se desvalorizou e passou a valer em torno de 3,5 pesos para cada dólar. Com uma recessão

que durou alguns anos, o país se vê em extrema miséria e pobreza no que impactou diretamente o Brasil, tendo em vista sua enorme participação na balança comercial brasileira.

Diante de ajuste fiscal, alteração de política cambial, adversidades no cenário econômico internacional, criou-se condições para um crescimento da economia brasileira nos anos que seguem no governo Lula, com bem cita Lemos:

> O país já começava a recuperar o fôlego nas contas externas, já não dependendo do fluxo de capitais, mas com o revigoramento das exportações, sobretudo de bens derivados das agroindústrias e de commodities, e melhor ainda, com os preços estabilizados internamente. Estava criado o clima para que o crescimento econômico pudesse acontecer. (Lemos 2012, p. 31).

No contexto cearense, destaca-se a reeleição de Tasso Jereissati no governo do estado. Neste seu último mandato, foi intensificado os projetos idealizados no PCDI e PROVIN com a tentativa de expandir o desenvolvimento para o interior do estado, e realizar uma descentralização das indústrias da região metropolitana de Fortaleza. Para conseguir tal objetivo, foram concedidos incentivos de acordo com o raio de distância para a RMF. Segundo Guimarães (2010), foram traçados raios de 300 km e 500 km, tendo como centro a grande Fortaleza, sendo conseguido maiores investimentos àquelas indústrias que se instalassem à mais de 500 km.

No período 1999 a 2002, também é possível destacar a entrada em operação do porto do Pecém, no que germinou a implantação de uma zona industrial no seu entorno.

Após os dois mandatos consecutivos de Tasso Jereissati é perceptível que os fundos de desenvolvimentos deram uma sustentabilidade à infraestrutura necessária para o crescimento do estado, tendo reflexos direto na balança comercial, que em um passado não tão distante foi sensivelmente desfavorável.

2.8. 2002 à 2006: O bom desempenho da balança comercial durante o governo de Lúcio Alcântara

Como citado anteriormente, o período dos dois mandatos seguidos de Fernando Henrique Cardoso proporcionaram uma estabilidade econômica brasileira não

vista há tempos. Lemos (2012) descreve esse período, após oito anos de governo FHC, como uma recuperação do fôlego nas contas externas, onde a estabilização dos preços e recuperação das exportações criaram, assim, mecanismos para um crescimento econômico.

Sob um clima favorável e desconfiança do mercado, Luís Inácio Lula da Silva assume a presidência do Brasil. Essa falta de confiança de investidores deveu-se mais ás antigas bandeiras do Partido dos Trabalhadores (PT), onde até acreditava-se que este defendia a moratória. Mas, o partido na divulgação de seu plano econômico propôs a renegociação da dívida externa, a limitação da disponibilidade de recursos destinados ao pagamento de juros da dívida pública e elaboração do programa conhecido como "Fome Zero".

Tais propostas asseguram uma tranquilidade no meio financeiro e que segundo Giambiagi et at (2011), essas questões são importantes para entender o comportamento do mercado financeiro em 2002 o alívio desse tipo de postura em 2003.

De acordo com o autor acima citado, após assumir o mandato, o governo Lula tratou de reduzir as tensões macroeconômicas com as seguintes medidas:

a) Nomeou para o cargo de presidente do Banco Central o ex-presidente mundial do Bank of Boston, Henrique Meirelles, mantendo, inicialmente, todo o restante da Diretoria anterior, em claro sinal de continuidade;
b) Anunciou as metas de inflação para 2003 e 2004, de 8,5 % e 5,5%, respectivamente, que implicavam um forte declínio em relação à taxa efetivamente observada em 2002, reforçando a política anti-inflacionária;
c) Elevou a taxa básica (Selic) nas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom), mostrando que isso não era mais um "tabu" para o PT;
d) Definiu um aperto da meta de superávit primário, que passou de 3,75% para 4,25% do PIB em 2003;
e) Ordenou cortes dos gastos públicos, para viabilizar o objetivo fiscal, deixando de lado antigas promessas de incremento do gasto;
f) Colocou na Lei de Diretrizes Orçamentárias o objetivo de manter a mesma meta fiscal, de 4,25% do PIB de superávit primário, para o período de 2004-2006.

Dessa forma, o PT reforçou que para manter a estabilidade monetária e alivio nas contas do Estado é necessário adotar políticas ortodoxas e austeras, independente das ideias defendidas no passado ou das bandeiras partidárias.

Em 2003, o governo brasileiro renovou seu acordo com o FMI, mas a diferença que dessa vez o Brasil solicitou apenas como uma medida de segurança caso em um eventual momento de crise, no entanto o país não utilizou dos recursos.

Juntamente com essas medidas, outros fatores foram essenciais para o crescimento econômico nesse primeiro mandato do governo Lula, segundo Giambiagi et al (2011):

a) .As altas taxas de crescimento da economia chinesa, a qual demandou fortemente de produtos exportados pelo Brasil, fazendo com que o dinamismo daquela economia sobre o nosso país se tornasse cada vez maior com o passar do tempo;
b) A avidez das economias emergentes por produtos dos quais o Brasil tornava-se um grande produtor, fosse por mercadorias da nossa pauta exportadora, como também para os produtos de maior elaboração que o Brasil tinha grande vantagem comparativa;
c) As potencialidades associadas à exploração dos biocombustíveis, já que eles se tronaram muito relevantes devido à combinação de três fatores: I. o repique dos preços do petróleo na década, o que estimulou a procura de fonte alternativas; II. A crescente percepção de que o mundo padecia de um “risco ambiental” associado a uma civilização excessivamente poluente; e III. A preocupação com o fato de que grandes produtores de petróleo se encontravam em países vistos, sob a ótica dos países ocidentais, como problemáticos.

Mas, apesar de fatores que favoreceram o bom momento da economia brasileira, outros atrapalharam como que em 2005, o governo norte-americano aplica medidas *antidumping* sobre as importações de suco de laranja brasileiro, com a alegação de que as importações prejudicam ou ameaçam a indústria americana; em 2006, a Petrobrás é afetada pela decisão de Evo Morales em estatizar todas as empresas estrangeiras exploradoras de petróleo e gás boliviano, já que a maior empresa estatal brasileira é a maior investidora nesse setor na Bolívia.

Esses primeiro anos do governo Lula foram caracterizados pela recuperação do crescimento e do investimento, sobretudo do capital estrangeiro. O país saiu da posição de devedor tornando-se um credor líquido do exterior, mas "as reformas estruturais limitaram-se a uma reforma da Previdência restrita ao âmbito do funcionalismo e de importância modesta" (Giambiagi et al, 2011, p. 229).

No enredo cearense, Lúcio Alcântara assume o governo do estado em 1º de janeiro de 2003, trazendo consigo as perspectivas de crescimento econômico do Ceará envolto sob a ótica da gestão tecnológica, organização da produção, capacitação, infraestrutura e financiamento.

O governador decide promover algumas acintosas mudanças na edição do Decreto Nº 27.040, de 09 de maio de 2003. Segundo Pontes (2005, p. 14), "refletindo a nova orientação do Senhor Governador no que diz respeito à política de incentivos à industrialização do Ceará, no sentido de primeiro, priorizar os investimentos que se destinem aos aglomerados urbanos localizados no interior do estado; depois, trazer para o estado indústrias que explorem mais matérias primas locais e que estejam voltadas para a exportação".

No entanto, o objetivo de desconcentração não foi totalmente alcançado, tendo em vista que no período anterior à 2003, o total de investimentos que eram destinados à região metropolitana de Fortaleza foram de 52,2%, já no final de 2004, os recursos obtidos pela RMF foram de 82%. É importante destacar que o crescimento da indústria durante o governo de Lúcio Alcântara foi fundamental para o crescimento econômico do estado durante seu governo.

2.9. De 2007 a 2010: Desaceleração econômica afeta o Brasil e o Ceará

Em 2007, Luís Inácio Lula da Silva dá início ao seu segundo mandato como presidente do Brasil. Mas, o bom momento vivido pela economia durante o primeiro mandato devido ao grande volume das exportações brasileiras, como citado anteriormente, foi acompanhado do problema da valorização do Real por conta da crise de 2008. Como afirma Giambiagi *et al* (2010), o crescimento econômico mundial, que

elevou os preços das *commodities*, até antes da crise de 2008 fez com que os risco da apreciação da moeda brasileira causasse impacto negativo na Balança Comercial.

Após a troca de Palocci como ministro da Fazenda por Guido Mantega, o segundo mandato de Lula foi marcado por dar prioridade ao estímulo do consumo das famílias com programas de transferências de renda diretas a indivíduos, aumento do salário mínimo e seguro-desemprego, enquanto os planos de ajustes fiscais foram constituídos por aumento dos investimentos públicos e redução de impostos. Não por acaso, as importações que nos quatro primeiros anos de Lula ficaram estáveis, ao passo que tornaram-se acentuadas no período seguinte devido, em parte, ao consumo doméstico.

O ano de 2008 é marcado pela quebra do banco de investimentos Lehman Brothers após uma recusa de socorro do *Federal Reserve* (FED) dando início à maior crise mundial desde a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Após medidas expansionistas nas políticas fiscais e monetárias por parte dos governos dos países desenvolvidos, em 2009 as nações mais afetadas já apresentavam, apesar de modestos, crescimentos econômicos, enquanto os países emergentes, que pouco sofreram com a severidade da crise, "desaceleraram" seu ritmo de crescimento no nível que não lhes permitissem maiores preocupações.

O desempenho brasileiro durante à crise não foi bom, mas alguns fatores, como cita Giambiagi *et al* (2011), permitiram ao Brasil suporte para lidar com os efeitos da crise de 2008, tais como:

a) As descobertas do pré-sal com uma administração adequada abriria perspectivas de investimentos expressivos por parte da Petrobrás, com grandes efeitos multiplicativos pelos diversos elos da cadeia de produção de bens e serviços relacionados com o setor;
b) A própria crise de 2008 trouxe efeitos benéficos ao país por não causar crise na Balança de Pagamentos e nem alta da inflação; não houve redução dos níveis de consumo e emprego como ocorrera nos países desenvolvidos; o sistema financeiro brasileiro passou incólume pela crise; após diversas reuniões, foi aberto caminho para uma nova ordem mundial onde não apenas as oito maiores nações tomariam novas decisões sobre a governança da economia global, mas

países emergentes como Brasil, Índia, México e África do Sul também "dariam as cartas" na geopolítica mundial, constituindo assim, o G-20.

c) A escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014 e do Rio de Janeiro do sede das Olimpíadas de 2016 que além de atrair a atenção da comunidade internacional, trouxe perspectivas de investimentos na infraestrutura, realização de eventos e de telecomunicações.

Lula após oito anos de governo conseguiu agradar vários de seus opositores, aproveitou um período de crescimento mundial para gerar superávits na Balança Comercial, viu-se gerar uma desconfiança do investidor externo, pois no fim de 2010 já contava com insuficiente taxa de investimentos, poupança interna baixa e problemas de déficits na conta corrente. Ficando para os anos seguintes o desafio de tornar o país novamente confiável para os investidores, diversificar a pauta de exportação e retomar os níveis de crescimento econômico de outrora.

É visível para a economia cearense que os planos de atração de investimentos adotados a partir, principalmente, da década de 1990 foram importantes para a mudança de perfil da indústria cearense. O segmento de Transformação, o qual há maior valor agregado durante o processo produtivo, fez com que as exportações de produtos industrializados reforçassem o superávit da balança comercial os últimos anos. E, apesar da tentativa de descentralização das indústrias com incentivos para que se instalassem no interior e na Região Metropolitana, a concentração das atividades existentes e tidas como tradicionais não permitiu realizar a diversificação como desejado.

Vitorioso nas eleições de 2006, Cid Gomes assume o cargo de Governador do Ceará em 2007. Nos anos anteriores ao Governo Cid, a economia cearense foi beneficiada pelo bom desempenho da economia nacional. A recuperação da demanda interna e o comportamento do comércio externo foram fatores que influenciaram o mercado cearense e brasileiro a obter resultados positivos. Durante o primeiro mandato de Cid Gomes, o desempenho da economia cearense também foi afetado pela crise de 2008. Ressalta-se que mesmo com um cenário adverso, a produção industrial do Ceará encerrou o ano de 2010 com crescimento de 9% do setor da indústria de Transformação. Além do momento adverso do mercado externo, a economia cearense permaneceu com antigos "estigmas", como a forte competição de indústrias estrangeiras, principalmente

no setor têxtil e de calçados, condições climáticas que interferiram no setor agrícola, o qual a indústria cearense ainda é muito dependente para o desenvolvimento local.

3. METODOLOGIA

Este trabalho realiza uma análise econômica da balança comercial cearense a partir de indicadores macroeconômicos relativos à participação das exportações e importações na economia do nosso estado.

Utilizando-se do aporte estatístico de, principalmente, levantamento de dados, este trabalho recorre ao estudo da evolução da economia brasileira e do Ceará no contexto dos condicionantes histórico-estruturais a partir da década de 1995 até 2010, com vistas a analisar os índices de exportações e importações.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental pertinente à balança comercial, e no que se refere à abordagem do problema, a pesquisa é do tipo qualitativa e quantitativa.

Os dados coletados são de origem secundária, os quais foram recorridos às publicações de livros, monografias acadêmicas, artigos e ao Ministério de desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), através da Secretaria de Comércio Exterior e sistema Alice web. Variáveis como os principais produtos, países que são parceiros comerciais, blocos econômicos e fatores agregados e o cenário socioeconômico do estado do Ceará foram analisados com o objetivo de explicar a expansão dos níveis de comércio cearense durante esses 15 anos.

4. RESULTADOS

4.1. Balança comercial do Ceará entre 1995 e 1998

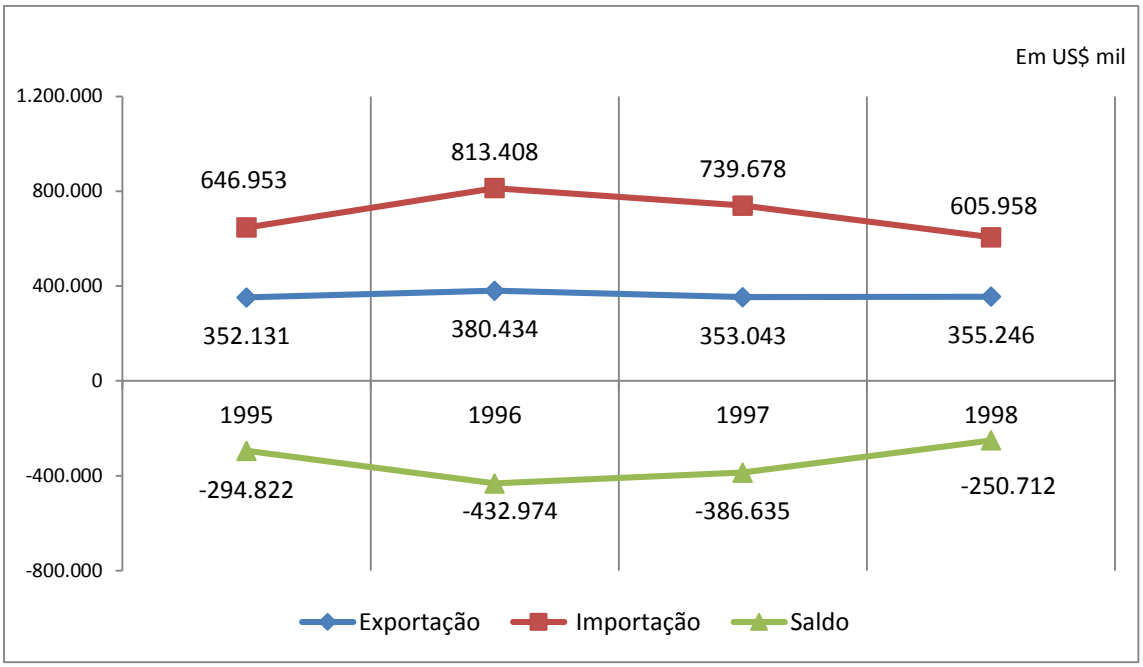
Apesar da estabilização monetária e dos estímulos do Governo de Tasso, durante o período 1995 a 1998 houve poucas mudanças na balança comercial. O déficit permaneceu estável nesse período de quatro anos, sofrendo uma pequena melhora de 14,96%. As exportações sofreram um humilde crescimento, partindo de US$ 352 milhões em 1995 e chegando a US$ 355 milhões em 1998. As importações sofreram uma maior oscilação, contabilizando US$ 646 milhões em 1995, US$ 813 milhões em 1996, em 1997 e 1998 US$ 739 milhões e US$ 605 milhões, respectivamente.

O gráfico 3 mostra que a balança foi deficitária nos anos de 1995 a 1998, com destaque para o déficit de 1996, que foi reforçado pelo aumento das importações, principalmente algodão. No ano de 1998 o déficit fechou em US$ 250 milhões.

No ano de 1998, o Ceará apresentou saldo negativo com seus principais parceiros comerciais, com exceção dos Estados Unidos, cujo superávit foi de US$ 101 milhões de dólares. As transações comerciais com Canadá e Argentina registraram saldo negativo para o Ceará com US$ 7 milhões e US$ 126 milhões, respectivamente.

Em 1995, o Ceará correspondia a 0,76% das exportações brasileiras e esse número reduziu para 0,69% em 1998. Já nas importações, o Ceará participava com 1,29%, ao passo que em 1998 responderam com 1,05%, apresentando, também, uma redução na participação total. Nota-se que nesse período houve uma redução na participação tanto das exportações quanto das importações nas transações comerciais brasileiras, no que se destaca a redução das exportações de matérias-primas e das importações de “bens de capital” e “combustíveis e lubrificantes”.

Gráfico 1. Balança comercial - Ceará – 1995 à 1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.1.1. Principais produtos da pauta de exportação cearense entre 1995 e 1998

Quanto à exportação pode-se observar que "Frutas; cascas de frutos 1cítricos e de melões" é o setor de maior destaque em todos os quatro anos, pois representam 35,19% do total de exportações em 1998, 24,13% em 1997, 40,22% em 1996 e 36,99% em 1995, como mostra o gráfico 2.

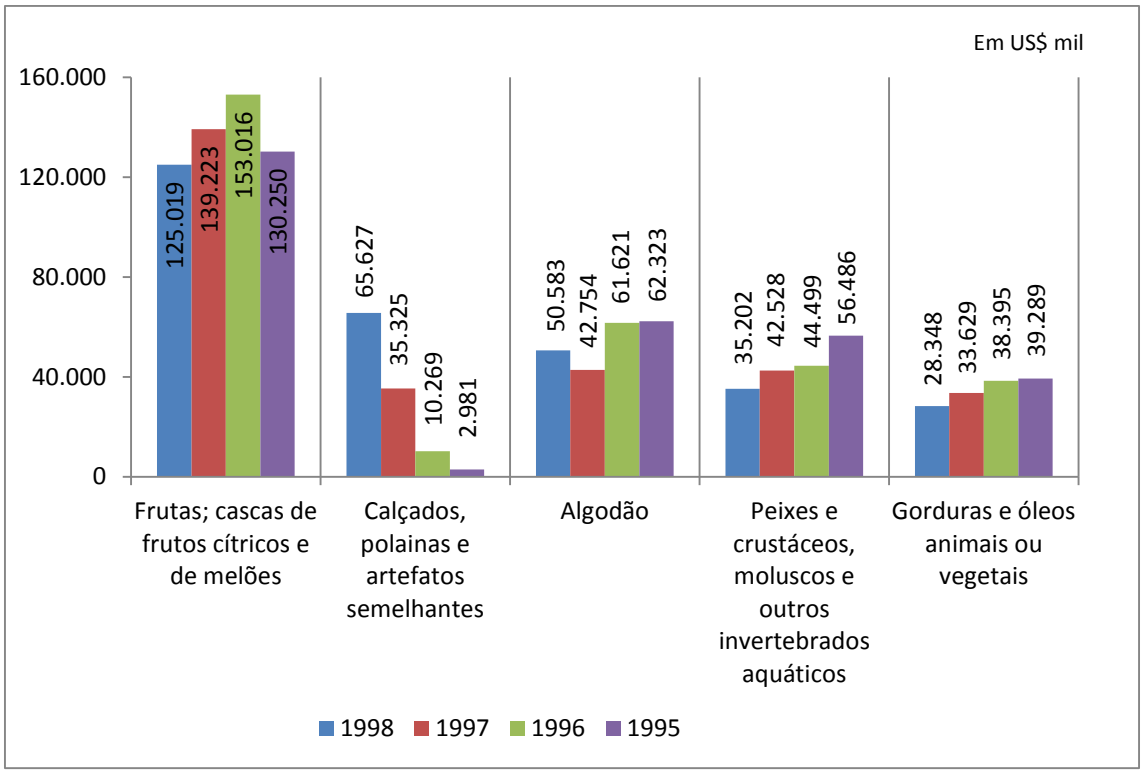
Ressalta-se que o setor "Calçados, polainas e artefatos semelhantes" aparece na segunda colocação com sua participação nas exportações cearense de 18,47% em 1998, 5,61% em 1997, 2,70% em 1996 e 0,85% em 1995.

O terceiro mais bem exportado pelo estado no período considerado foi "algodão". Este setor contribuiu com 14,24% em 1998, 11,71% em 1997, 16,20% em 1996 e 17,70 em 1995.

O setor "Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos" aparece na quarta colocação com 9,91% em 1998, 1,41% em 1997, 11,70% em 1996 e, 1995 com 16,04%. Já em quinto, observa-se que "Gorduras e óleos animais ou

vegetais" compuseram as exportações cearenses com 7,98% em 1998, 6,97% em 1997, 10,09% em 1996 e 11,06% em 1995.

Gráfico 2. Principais Setores de Exportação - Ceará - 1995 à 1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.1.2. Principais produtos da pauta de importação cearense entre 1995 e 1998

É possível observar no gráfico 3 que as importações cearenses nos anos de 1995 a 1998 têm como principal setor o "Algodão" com 24,49% em 1998, 20,15% em 1997, 31,28% em 1996 e 17,81% em 1995 do total importado.

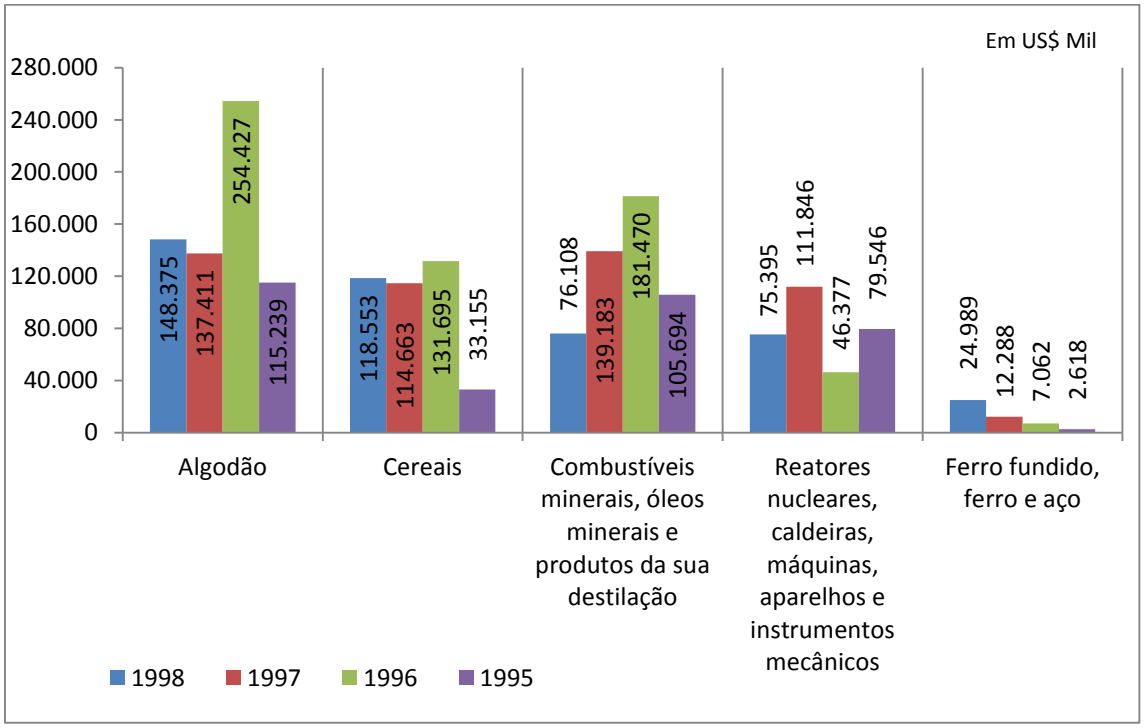
"Cereais" aparecem na segunda posição representando 19,57% em 1998, 16,82% em 1997, 16,19% em 1996 e 5,12% em 1995 das importações.

"Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação" que apesar da redução da compra cearense por este produto, ele se manteve na terceira colocação do total das importações com 12,56% em 1998, 20,41% em 1997, 22,31% em 1996 e 16,34% em 1995.

Podemos destacar em quarto lugar “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos” com 12,44% em 1998, 16,40% em 1997, 5,70 em 1996 e 12,30% em 1995 do total em pauta.

O quinto produto mais importado pelo estado foi “Ferro fundido, ferro e aço” que se sobressai com 4,12% em 1998, 1,80% em 1997, 0,87% em 1996 e 0,4% em 1995.

Gráfico 3. Principais Setores de Importação - Ceará - 1995 à 1998



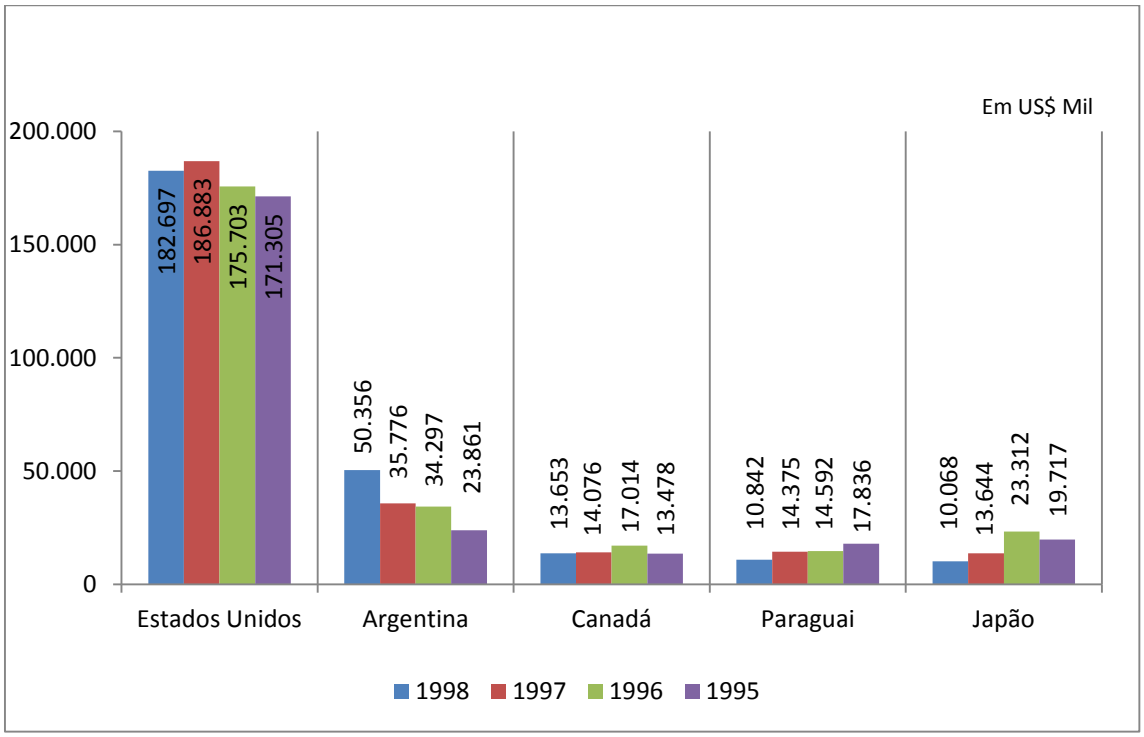
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.1.3. Principais Países

De acordo com os dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), os cinco principais países de destino dos produtos cearenses de 1995 a 1998 são: Estados Unidos, Argentina, Canadá, Paraguai e Japão. Juntos, estes países somaram corresponderam US$ 267,6 milhões em 1998. O gráfico 4 apresenta que participação deles foi 75,33% no valor total de mercadorias exportadas pelo Ceará no ano de 1998, 75% em 1997, 69,66% em 1996 e 96,98% em 1995. O que mostra que houve um crescimento ao longo dos anos abordados.

Dentre os vinte países de destino que apresentaram maiores crescimentos das exportações no período de 1995 a 1998, foram: Panamá (120,34%), Espanha (95,76%), França (56,31%) e Reino Unido (46,77%). Já os que apresentaram maiores quedas foram: Chile (-62,37%), Portugal (-61,38%) e Itália (-51,58%). O crescimento do comércio entre países como Canadá e Panamá reflete a tentativa de abertura do leque de parceiros comerciais, saindo um pouco dos tradicionais Estados Unidos e Argentina. O que é possível destacar é a queda nas transações com Portugal e Itália.

Gráfico 4. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 1995 à 1998

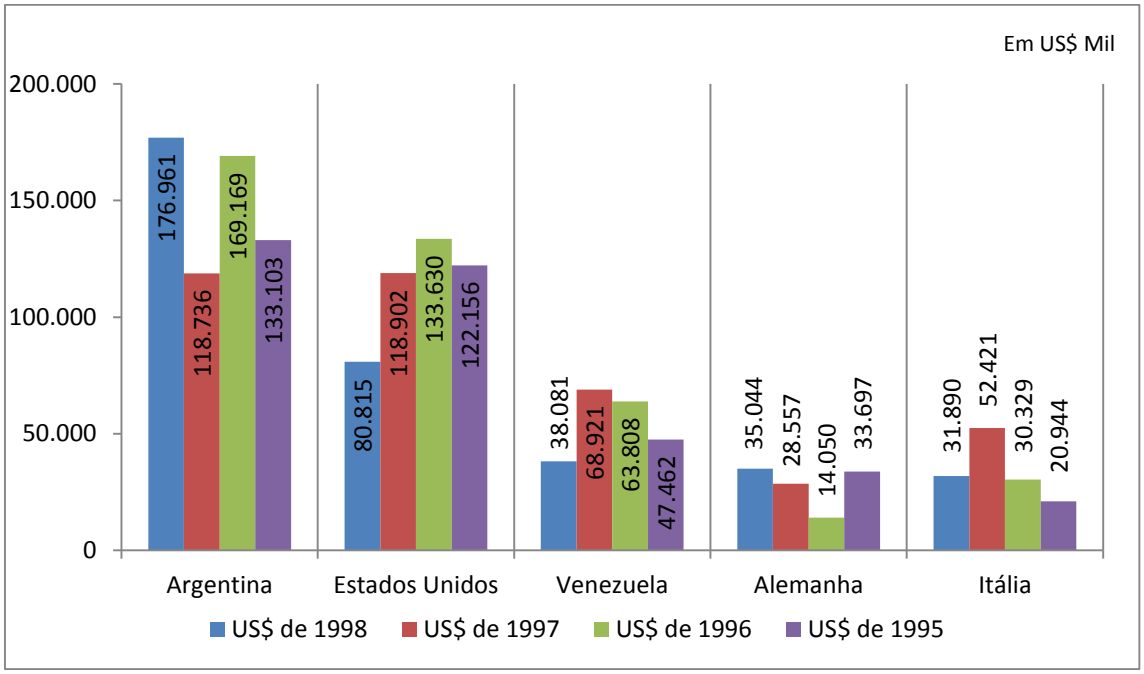


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

O gráfico 5 destaca que as importações do estado do Ceará tiveram como principais países de origem no período de 1995 a 1998, a Argentina, os Estados Unidos, Venezuela, Alemanha e Itália. Juntos, estes países obtiveram US$ 362,7 milhões em 1998. A participação desses cinco países foi de 59,87% das mercadorias importadas em 1998, 56,83% em 1997, 50,63 em 1996 e 55,37% em 1995. Com exceção de 1996, pode-se perceber que houve um aumento na participação destes cinco países nas importações cearenses.

Quanto aos 20 principais países que de origem que mais aumentaram sua composição nos produtos importados pelo Ceará, podemos destacar a Índia (206,91%), Togo (145,91%), Países Baixos (107,21%), Mali (103,20%) e Reino Unido (70,5%). Ainda no grupo dos 20 países, mas os que obtiveram uma redução, é possível citar Canadá (-55,82%), Benin (-45,77) e Paraguai (-22,87%).

Gráfico 5. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 1995 à 1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.1.4. Blocos econômicos

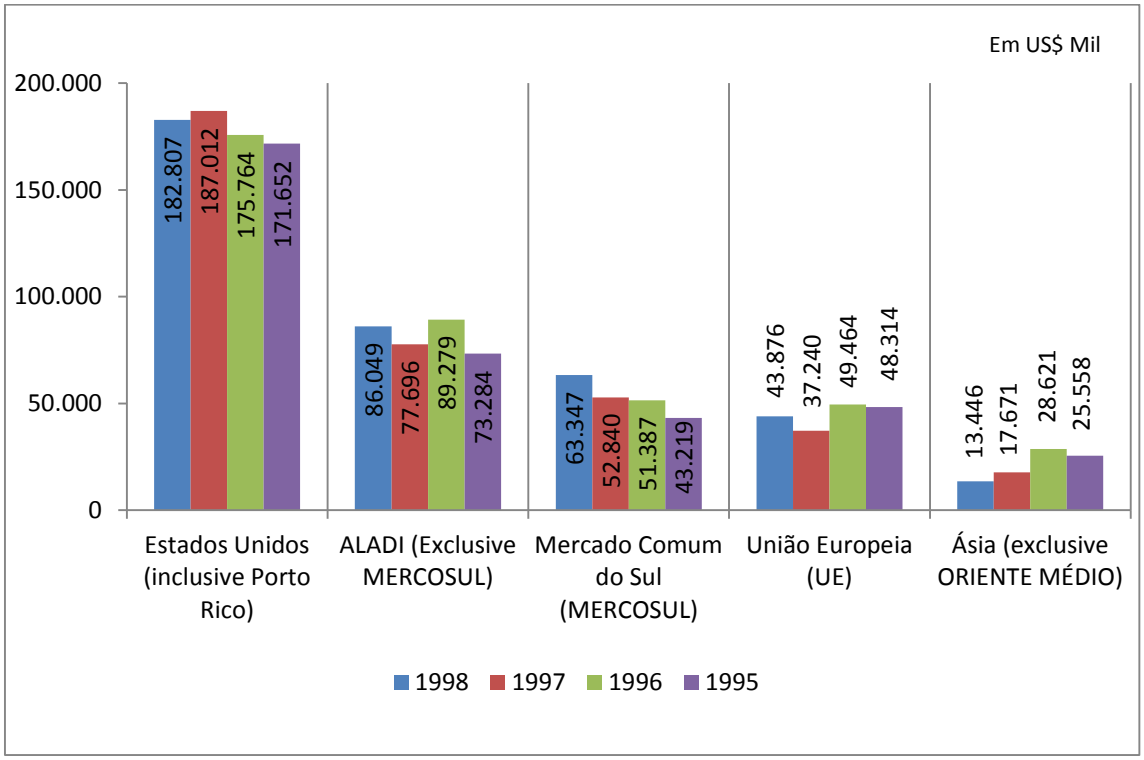
O gráfico 5 apresenta Os Estados Unidos como maior destino das exportações cearenses entre os anos de 1995 e 1998, com um total de US$ 182 milhões em 1998, US$ 187 milhões em 1997, US$ 175 milhões em 1996 e US$ 171 milhões em 1995.

O bloco da Associação Latino Americana de Integração (ALADI) aparece em segundo lugar com US$ 86 milhões em 1998, US$ 77 milhões em 1997, US$ 89 milhões em 1996 e US$ 73 milhões em 1995.

O Mercosul, influenciado pelo aumento das exportações para a Argentina que foi de 111,04% no período tratado, aparece em terceiro com destino de US$ 63 milhões em 1998, US$ 52 milhões em 1997, US$ 51 milhões em 1996 e US$ 43 milhões em 1995 das mercadorias produzidas no Ceará.

Já as vendas para a União Europeia caíram -9,19% nesses quatro anos deixando na quarta posição, essa redução deve-se em parte a forte redução das exportações para Itália e Portugal. A crise Russa de 1997 que afetou fortemente a China e Japão, fez com que houvesse redução nas exportações para a Ásia, e assim, esse bloco econômico reduziu em 47,38% sua participação nas exportações 1998 em comparação ao ano de 1995.

Gráfico 6. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1995 à 1998



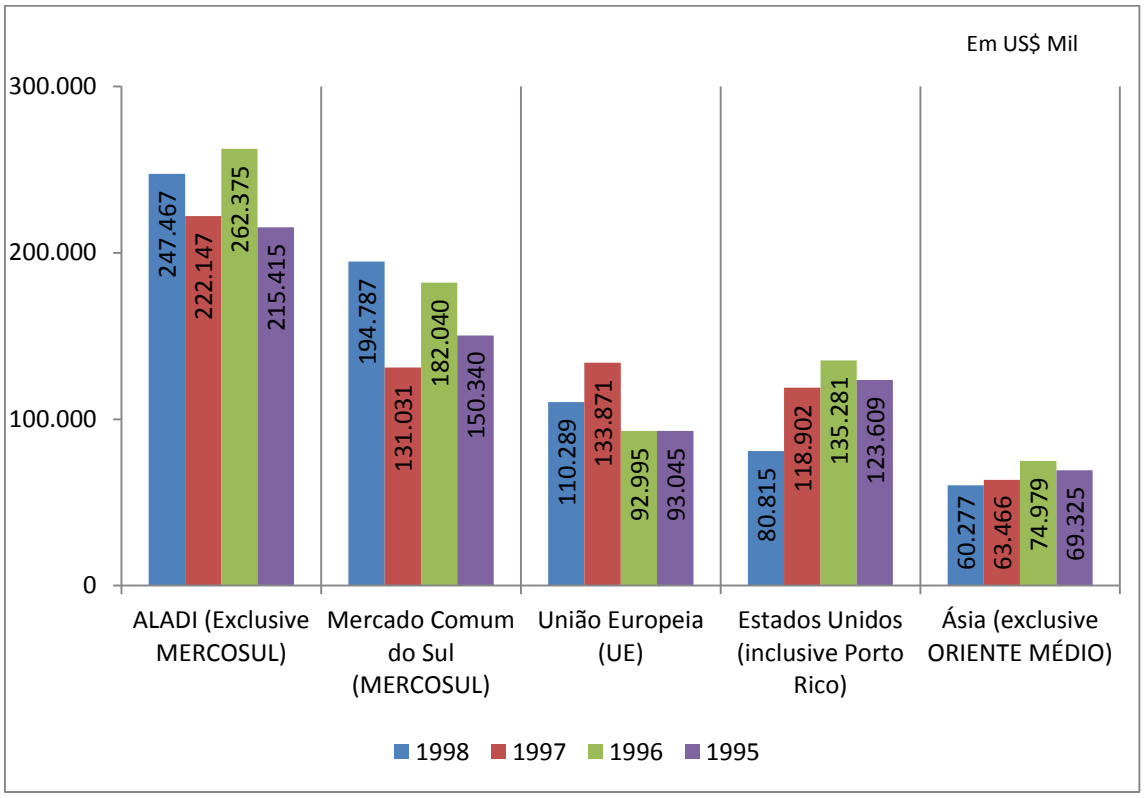
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

O principal bloco econômico de origem das importações foi o Aladi com US$ 247 milhões de produtos comprados pelo Ceará, isso representou um acréscimo de 11,4% em relação a 1997 e 14,88% em relação a 1995.

O segundo bloco econômico que mais vendeu para o Ceará no período que se trata foi o Mercosul, vale destacar que esse bloco foi o que mais cresceu em composição das importações, pois em cresceu 48,66% ao comparar 1998 e 1997, sendo que no período de quatro anos de 1995 e 1998 cresceu 28,56%.

O bloco que teve o terceiro maior crescimento quadrienal foi a União Europeia que apresentou uma variação de 18,53%.

Gráfico 7. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1995 à 1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

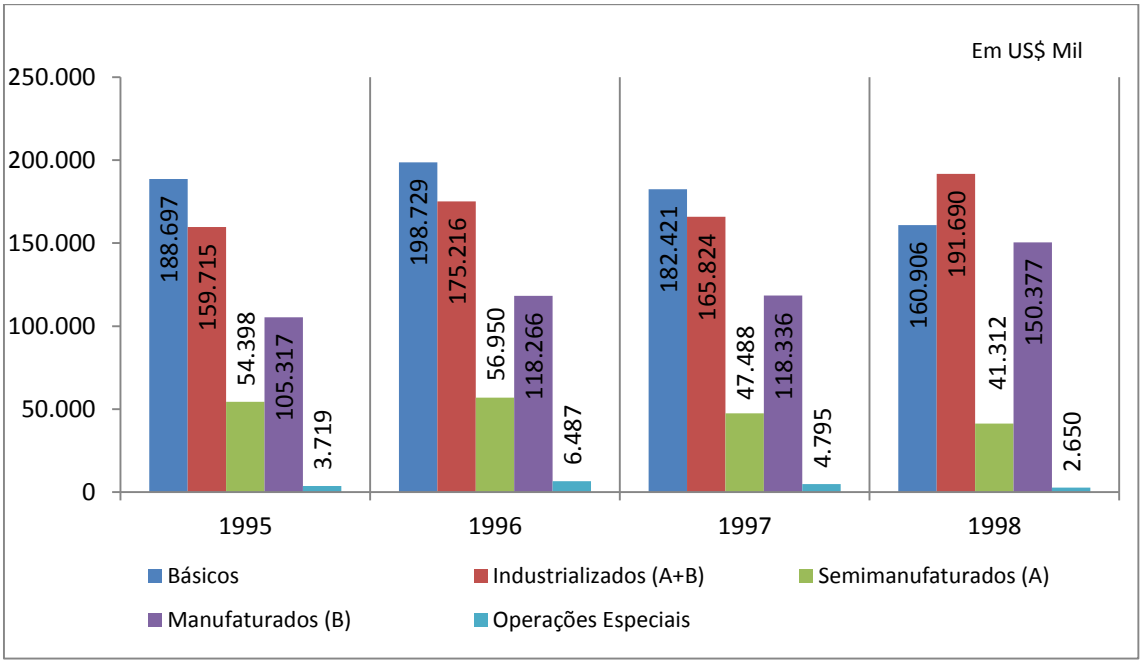
4.1.5. Fatores Agregados

Na evolução das exportações do Ceará por fator agregado, é possível observar que os produtos básicos, apesar de sofrerem uma queda nas transações, com variação de -14,73% nas vendas cearenses ao fazer comparação entre 1998 e 1995, foram os produtos que tiveram maior composição com 45,63% nesse mesmo período.

Com a menor participação, é possível observar que os semimanufaturados atingiram 11,72% do total das exportações, mas obtiveram uma queda de -13,01% ao serem comparados ao ano anterior e -24,06% ao compará-los com o ano de 1995.

Os produtos manufaturados tiveram a maior taxa de crescimento em 1998 com relação 1995, alcançando 42,79%. O que pode indicar uma mudança nas exportações cearense decorrida de incentivos a criação de instituições especializadas na qualificação da mão-de-obra durante o segundo governo de Tasso Jereissati, significando uma maior participação dos produtos que demandam maior tecnologia e conhecimento.

Gráfico 8. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 1995 à 1998



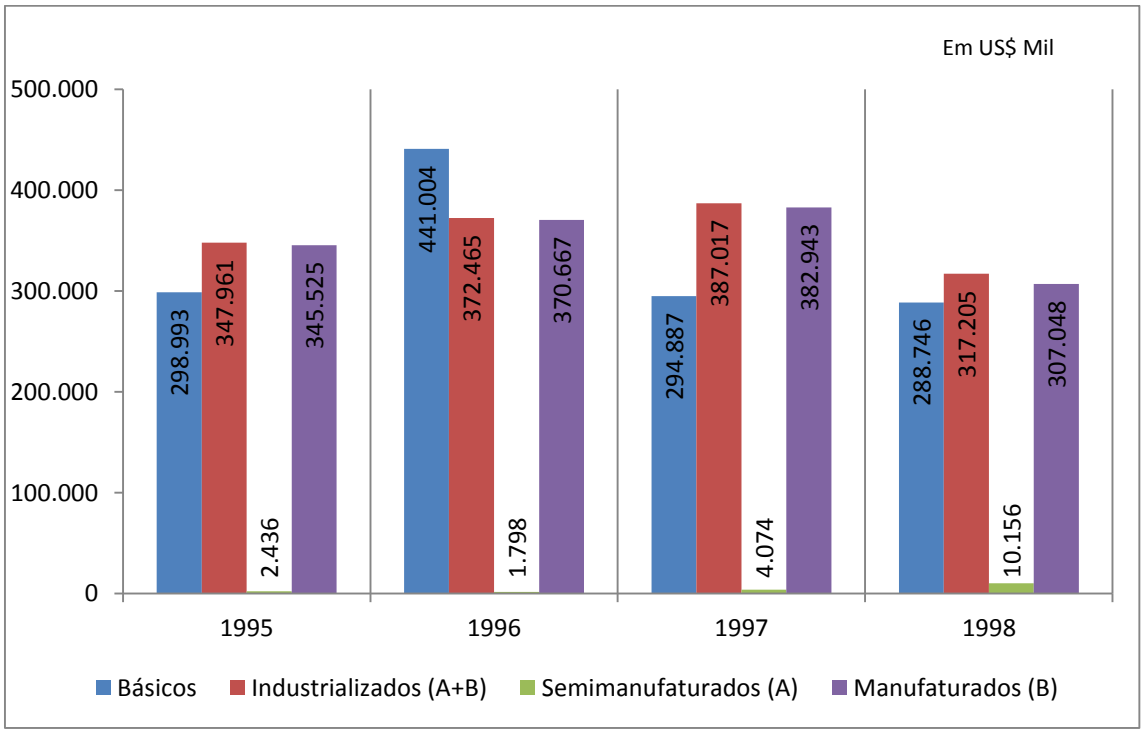
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Quanto às importações, os produtos manufaturados apresentaram maior composição das compras cearenses no ano de 1998 com 50,67%, no que representou uma queda de -19,82% em relação a 1997 e -11,14% ao confrontar com os resultados de 1995. Compondo 47,65% do total importado, os produtos básicos também foram menos adquiridos pelo Ceará, no que se verifica uma redução em relação a 1997 de -2,08%, e 1995 de -3,43%. O único que apresentou um aumento em relação aos anos anteriores

foram os produtos semimanufaturados que elevaram em 149,29% em comparação ao ano 1997 e 316,91% ao ano de 1995.

Durante o período do segundo governo de Tasso Jereissati, é possível perceber que o valor de importações foi maior que o de exportações, fazendo com que a balança comercial cearense seja deficitária em todos os quatros anos de 1995 a 1998. Destacam-se os produtos industrializados, que apesar dos sucessivos déficits no período que se trata, apresentaram considerável crescimento nesse quadriênio.

Gráfico 9. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 1995 à 1998



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2. Balança Comercial do Ceará entre 1999 e 2002

Apesar de ter permanecido deficitária, a balança comercial cearense durante o último governo de Tasso conseguiu reduzir a diferença entre importações e exportações. O déficit na balança comercial diminuiu 54,52% após uma melhora considerável de 46,52% nas exportações, onde no ano de 2002 este segmento encerrou num total de US$ 543,9 milhões. Quanto às importações, estas sofreram oscilações. O total de produtos comprados pelo Ceará cresceu 25,19% ao comparar 2000 com 1999,

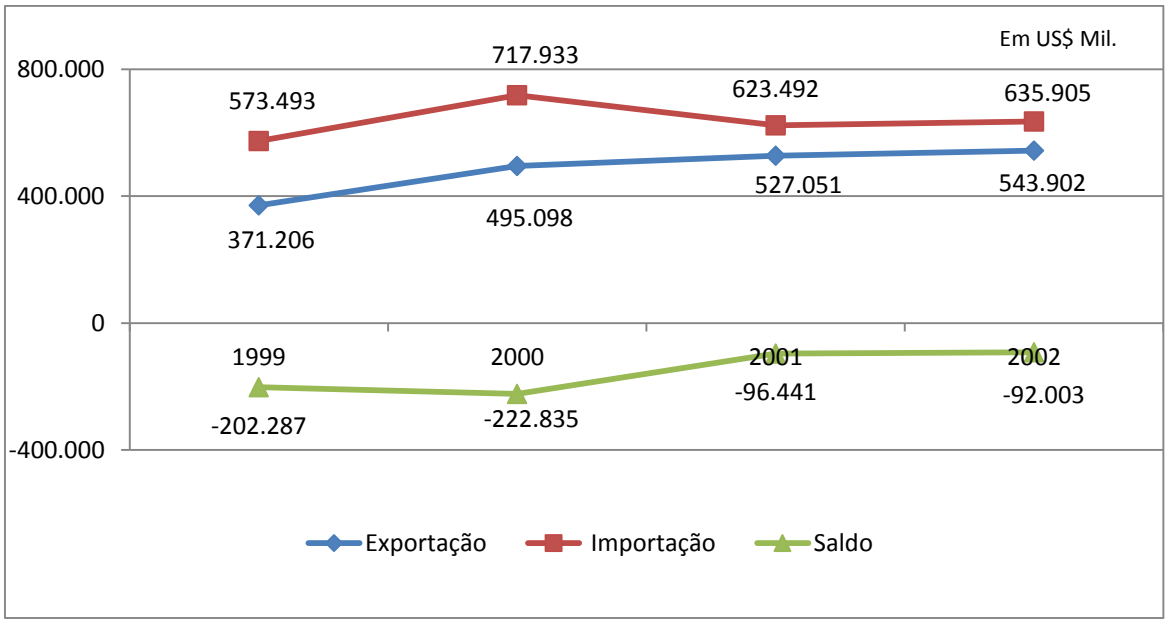
mas no ano seguinte caiu -13,15% ao confrontar com o ano de 2000, sendo que se analisar o ano de 2002 poderá ser percebido que as importações ficaram praticamente estável se comparar com o ano anterior, onde um crescimento de 1,99%.

Como citado anteriormente, a balança comercial cearense, apesar de permanecer negativa, no período de 1999 a 2002 sofreu uma considerável melhora. Podemos citar como destaque, a substituição do "algodão" como principal produto importado por "Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes". Nesses quatro anos, o déficit passou de US$ 202,2 milhões em 1999 para US$ 92 milhões em 2002.

É interessante observar que ao longo destes quatro anos, a Argentina foi perdendo sua participação na balança comercial cearense, em parte devido sua forte crise enfrentada durante os anos 2000, como já citado nesta obra. No ano de 2002 o Ceará obteve superávit com seus principais parceiros comerciais: Estados Unidos, US$ 39,1 milhões; Países Baixos (Holanda), US$ 29,9 milhões; Itália, US$ 7 milhões.

A participação do Ceará nas exportações brasileiras foi de 0,77% em 1999 e nos anos seguintes do quadriênio foi de 0,9%. Ao passo que nas importações, o Ceará participou com 1,16% em 1999, 1,29% em 2000, 1,12% em 2001 e 1,35% em 2002. Durante o segundo mandato de Tasso Jereissati, o estado cearense com suas políticas de expansão industrial conseguiu fazer com que o setor "Calçados, polainas e artefatos semelhantes" obtivesse um salto na balança comercial cearense, passando com a figurar entre um das principais mercadorias vendidas pra fora do país. Quanto às importações, os setores relacionados a bens de capital e "Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação" continuaram ganhando espaço nas compras cearenses.

Gráfico 10. Balança Comercial - Ceará - 1999 à 2002



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2.1. Principais produtos da pauta de exportação cearense entre 1999 e 2002

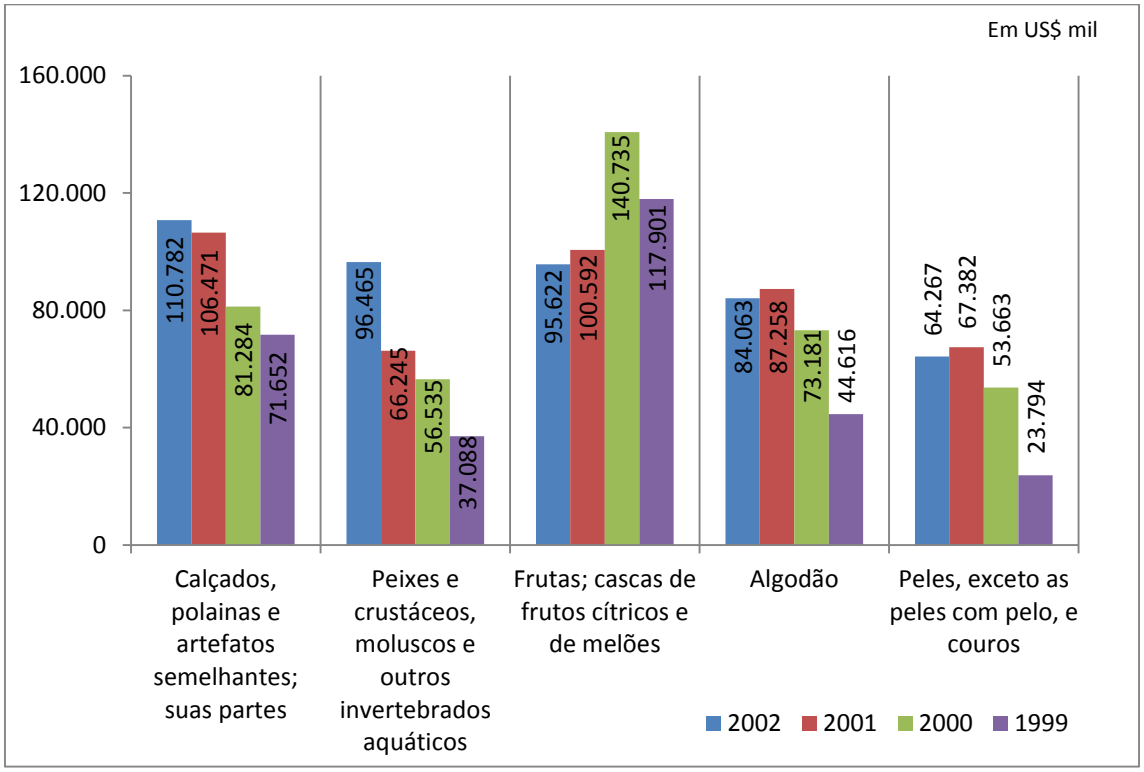
Pode-se observar que o setor mais exportados entre os anos de 1999 a 2002 foram "Calçados, polainas e artefatos semelhantes". Estes produtos alcançaram o topo das vendas no ano de 2001, contando com 20,18% do total exportado, e em 2002 obteve um humilde crescimento, chegando a representar 20,33% das exportações. Vale recordar que no ano de 1995 este produto contabilizava apenas 0,85% do total exportado. Mostrando o sucesso que foram os estímulos de expansão industrial durante os dois mandatos consecutivos do governo de Tasso Jereissati.

O segundo mais vendido para o exterior foi "Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos" com 17,70% do total de exportação cearense no ano de 2002, em 2001 alcançou 12,55%, em 11,41% no ano de 2000 e em 1999 representava 9,99% das exportações do estado.

"Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões" foi o setor com o terceiro maior valor em vendas. Em 2002 obtiveram 17,54% do total das exportações cearenses, em 2001 alcançaram 19,06%, em 2000 e 1999 conseguiram 28,41% e 31,76%, respectivamente.

"Algodão" compôs as exportações do estado com 15,42% em 2002, 16,54% em 2001, 14,77% em 2000 e 12,02% em 1999, alcançando, assim, a quarta colocação. Em quinto é possível observar que "Peles, exceto as peles com pelo, e couros" tiveram 11,79% em 2002, 12,77% em 2001, 10,83% em 2000 e 6,41% em 1999.

Gráfico 11. Principais Produtos Exportados - Ceará - 1999 à 2002



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2.2. Principais produtos da pauta de importação cearense entre 1999 e 2002

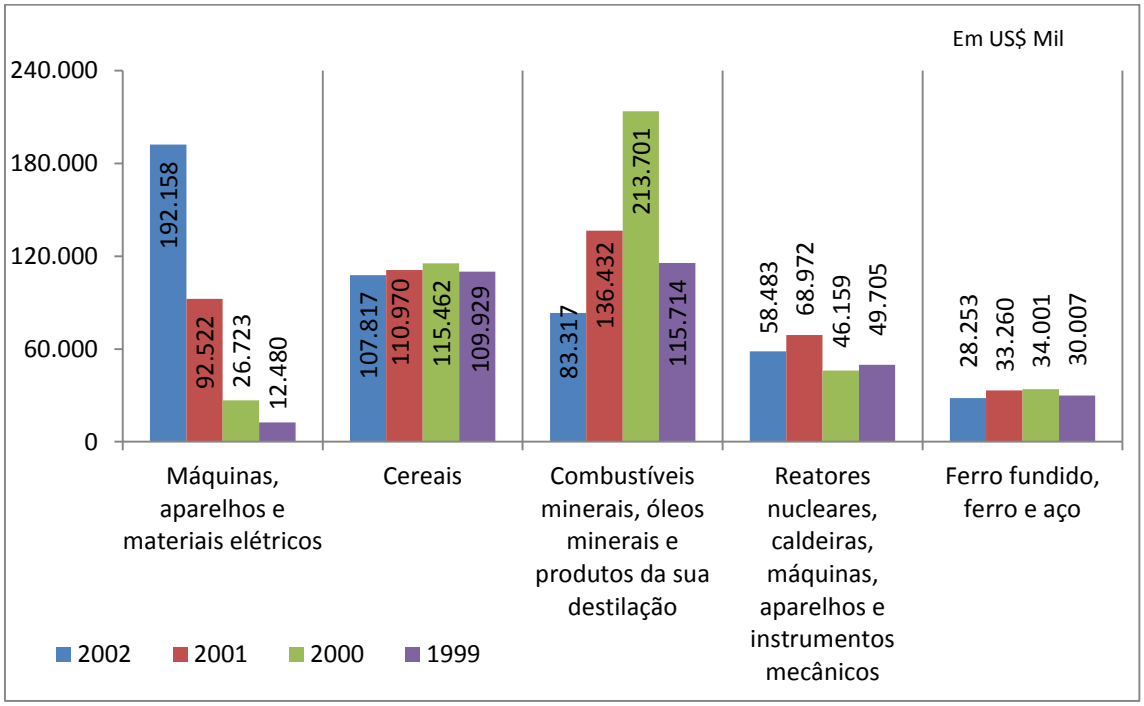
O período de 1999 a 2002 marca um aumento da compra de produtos de bens de capital, tornando-os as principais mercadorias importadas. Enquanto os quatro anos anteriores tiveram no topo das compras o produto "Algodão", no terceiro mandato de Tasso Jereissati "Máquinas, aparelhos e materiais elétricos" foram os mais adquiridos pelo Ceará. Este setpr aparece com um percentual de 30,22% em 2002, 14,82% em 2001, 3,72% em 2000 e 2,18% em 1999.

O setor “Cereais” assegurou o segundo lugar com 16,95% em 2002, 17,77% em 2001, 16,08% em 2000 e 19,17% em 1999, onde mesmo sofrendo uma pequena queda em sua participação, continua como um dos principais produtos importados.

O terceiro setor mais comprado no Ceará foi “Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação”, o que o faz permanecer na mesma colocação de aquisição. Este foi um produto que sua importância na balança comercial foi crescendo ao longo dos anos, mas em 2002 sofreu uma redução na participação do total de importações, onde compôs com 13,10% neste ano.

Os quarto e quinto lugares também permaneceram inalterados entre os anos de 1999 e 2002 se comparados com os quatro anos anteriores. “Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânico” contribuíram com 9,20% em 2002, 11,05 em 2001, 6,43% em 2000 e 8,67% em 1999. Já “Ferro fundido, ferro e aço” participaram com 4,44% em 2002, 5,33% em 2001, 4,74% em 2000 e 5,23 e, 1999.

Gráfico 12. Principais Produtos Importados - Ceará - 1999 à 2002



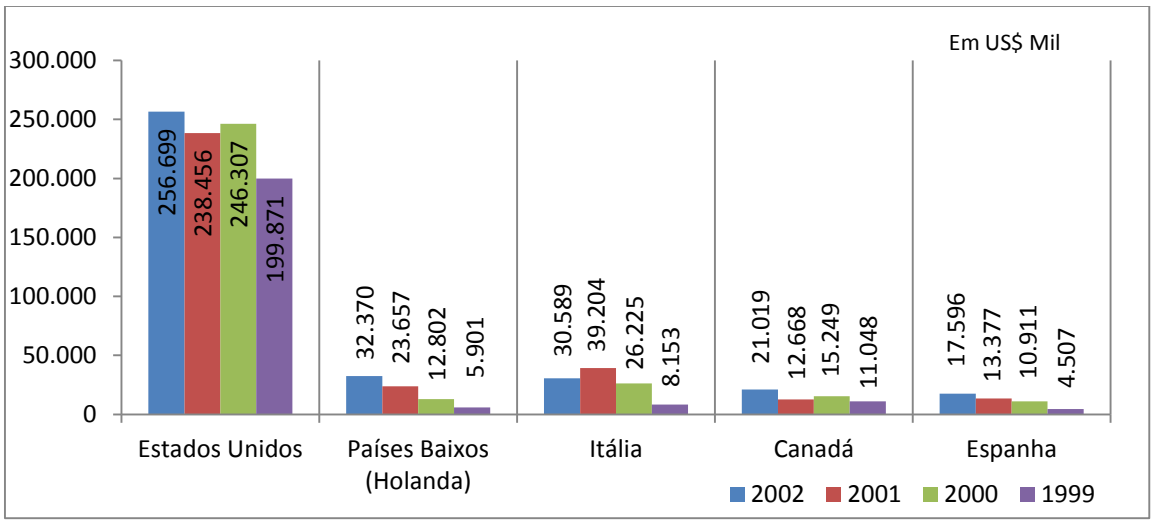
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2.3. Principais Países

O gráfico 13 revela que os cinco países de maior destaque nas exportações do Ceará são: Estados Unidos, Holanda, Itália, Canadá e Espanha, os quais somados alcançaram um total de US$ 358,2 milhões, onde corresponde a 65.74% do total exportado no ano de 2002.

Quando se trata dos vinte maiores parceiros comerciais, Peru (843,92%), Venezuela (355,35%), México (201,86%) Reino Unido (164,58%) e Austrália (123,54%) apresentaram os maiores crescimento na participação das exportações cearense no período de 1999 a 2002. Ao passo que Argentina (-66,29%), Paraguai (-36,33%), Japão (-17,58%) e Alemanha (-1,33) apresentaram redução na composição das exportações cearenses. Como demonstrado, houve algumas alterações quanto às nações de destino dos produtos cearense. Em parte, se deve à crise Argentina que fez com que este país reduzisse seu poder no mercado cearense e teve como consequência uma queda gradual das exportações cearense para os argentinos ao longo do período de 1999 a 2002. Em contraste com nossos vizinhos, a Holanda aumentou sua importância no mercado cearense figurando em segundo lugar como destino das mercadorias produzidas no estado. Países da América Latina como Peru, Venezuela e México tornaram-se importantes parceiros econômicos no período que se trata.

Gráfico 13. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará - 1999 à 2002

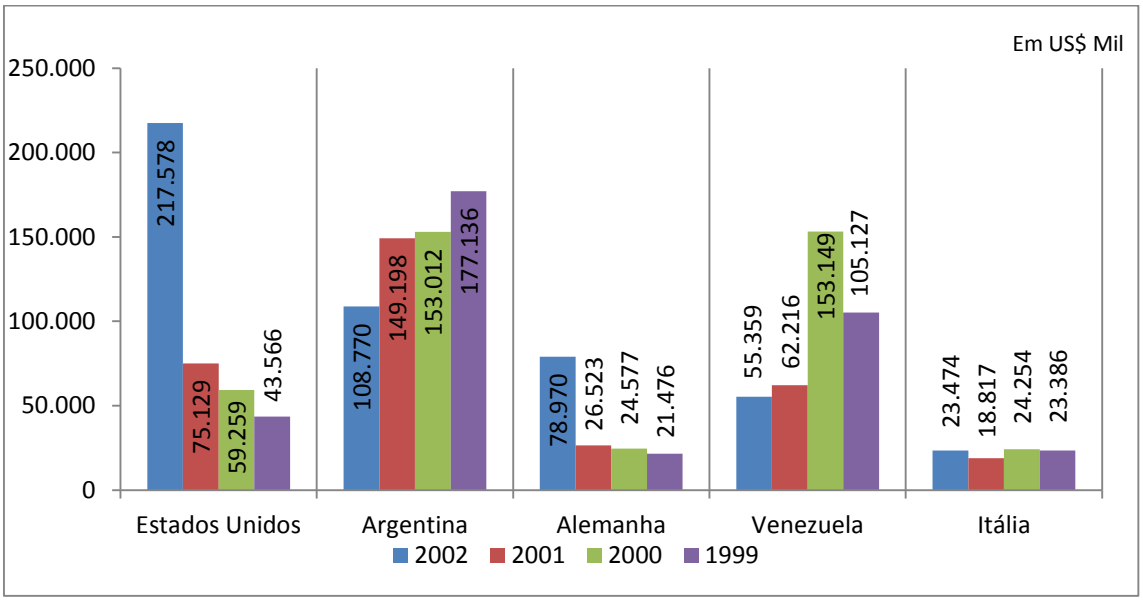


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Os principais países de origem das importações cearenses no período de 1999 a 2002 permaneceram inalterados ao se comparar com os quatro anos anteriores, trocando apenas as posições quanto ao valor total das mercadorias adquiridas pelo Ceará, são eles: Estados Unidos, Argentina, Alemanha, Venezuela e Itália, juntas somaram US$ 484,1 milhões, 76,16% do total das importações para o Ceará. O destaque fica por conta dos Estados Unidos que compõem 34,22% das importações cearenses, e obtêm um crescimento de 189,61% ao comparar os dados de 2002 com 2001 e 399,43% caso estenda esta observação até o ano de 1999.

Quanto aos 20 maiores vendedores de mercadorias para o Ceará entre os anos de 1999 e 2002, é possível destacar como países que avançaram suas relações de venda para o Ceará, as seguintes nações: Índia (3.835,74%), Ucrânia (1.358,28%), África do Sul (150,0%), Chile (87,82%) e China (63,63%). Em se tratando das nações que reduziram a participação das importações cearenses, destacam-se: México (-61,71%), (59,97%), Canadá (-58,97%), Costa do Marfim (-53,41%) e Japão (-41,99%).

Gráfico 14. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 1999 à 2002



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2.4. Blocos Econômicos

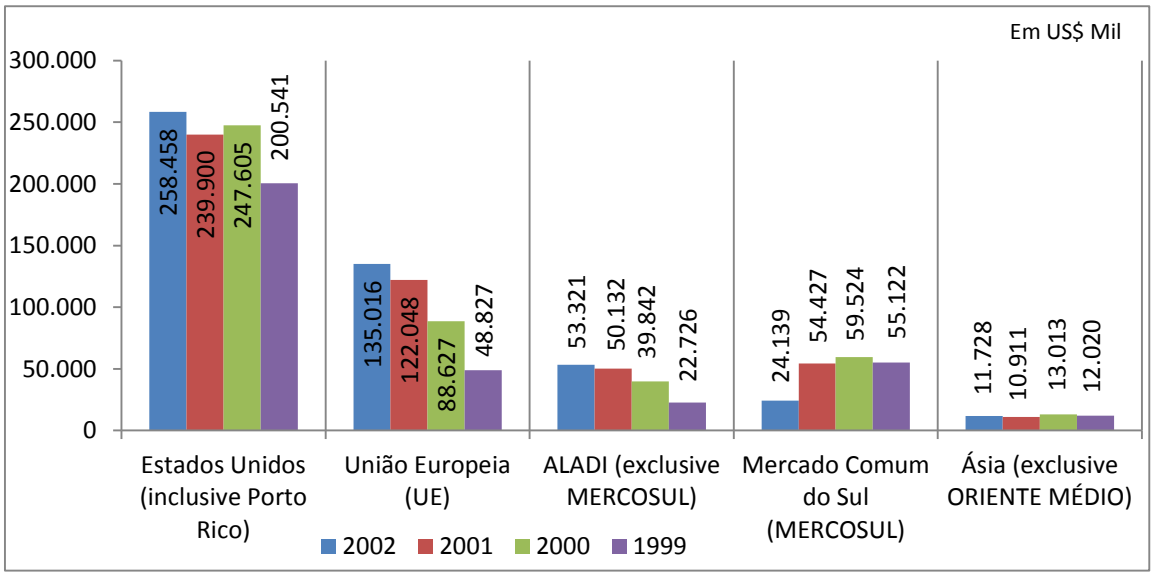
Os principais blocos de destino dos produtos cearenses entre 1999 e 2002 são os Estados Unidos que apresentaram um total de US$ 258,4 milhões das

exportações cearense em 2002, US$ 239,9 milhões em 2001, US$ 247,6 milhões em 2000 e US$ 200,5 milhões em 1999.

Em segundo lugar destaca-se a União Europeia, alavancada pelo aumento das exportações para Itália, Holanda e Alemanha, apresentou uma quantia de US$ 135 milhões em 2002, US$ 122 milhões em 2001, US$ 88,6 milhões em 2000 e US$ 48,8 milhões em 1999, fazendo com que houvesse um crescimento de 176,52% nesses quatro anos. Em terceiro lugar ficou a Aladi, com um total de US$ 53,3 milhões em 2002, US$ 50,1 milhões em 2001, US$ 39,8 milhões em 2000 e US$ 22,7 milhões em 1999.

Como já citado, a forte crise argentina influenciou negativamente as exportações cearenses e fez despencar os valores referentes ao Mercosul. No ano de 2002 foram exportados US$ 24,1 milhões, apresentando queda de -55,6% em relação ao ano anterior, que apresentou uma quantia de US$ 54,4milhões, revelando uma redução de -8,56% comparando com o ano de 2000, e neste ano teve um total de US$ 59,5 milhões das exportações cearenses, revelando uma ligeira elevação no percentual confrontar com o ano de 1999 que contabilizou US$ 55,1 milhões. Em quinto lugar, a Ásia adquiriu US$ 11,7 milhões em 2002, US$ 10,9 milhões em 2001, US$ 13 milhões em 2000 e US$ 12 milhões em 1999.

Gráfico 15. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1999 à 2002

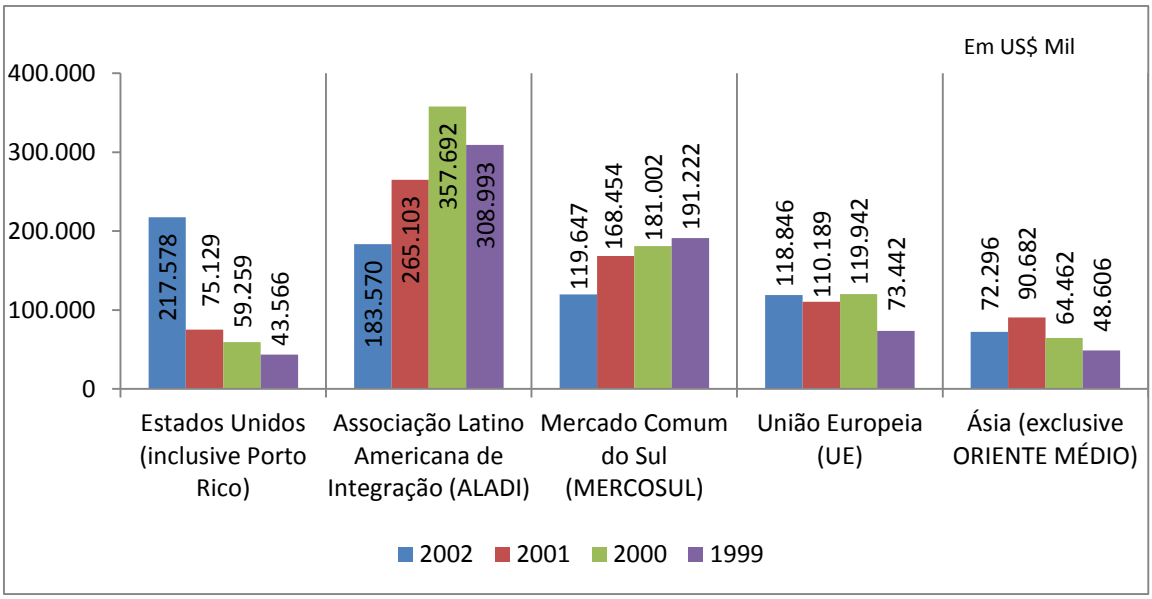


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

O principal bloco econômico quanto às importações cearense foram os Estados Unidos que fecharam o ano de 2002 responsável por US$ 217,5 milhões das importações cearenses, demonstrando um aumento de 189,61% em relação a 2001. O segundo bloco que mais vendeu pra os cearenses em entre 1999 e 2002 foi o Aladi com US$ 183,5 milhões em 2002, US$ 265,1 milhões em 2001, US$ 357,7 milhões em 2000 e US$ 309 milhões em 1999.

O Mercosul está em terceiro lugar no valor da origem dos produtos comprados pelo estado. Após consecutivas reduções em sua participação, este bloco encerrou o ano de 2002 com US$ 119,6 milhões, queda de -28,97% em relação ao ano anterior e -37,43% se levarmos em consideração os quatro anos. A União Europeia encerrou o ano de 2002 na quarta posição somando US$ 72,3 milhões em 2002, US$ 90,6 milhões em 2001, US$ 119,9 milhões em 2000 e US$ 73,4 milhões em 1999. Em quinto lugar, a Ásia foi a origem de poucas mercadorias adquiridas pelo Ceará. Com um total de US$ 72,3 milhões de vendas para o estado em 2002, os asiáticos permaneceram com uma baixa representatividade nas importações cearenses mesmo com um aumento significativo nas compras oriundas da Índia.

Gráfico 16. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 1999 à 2002



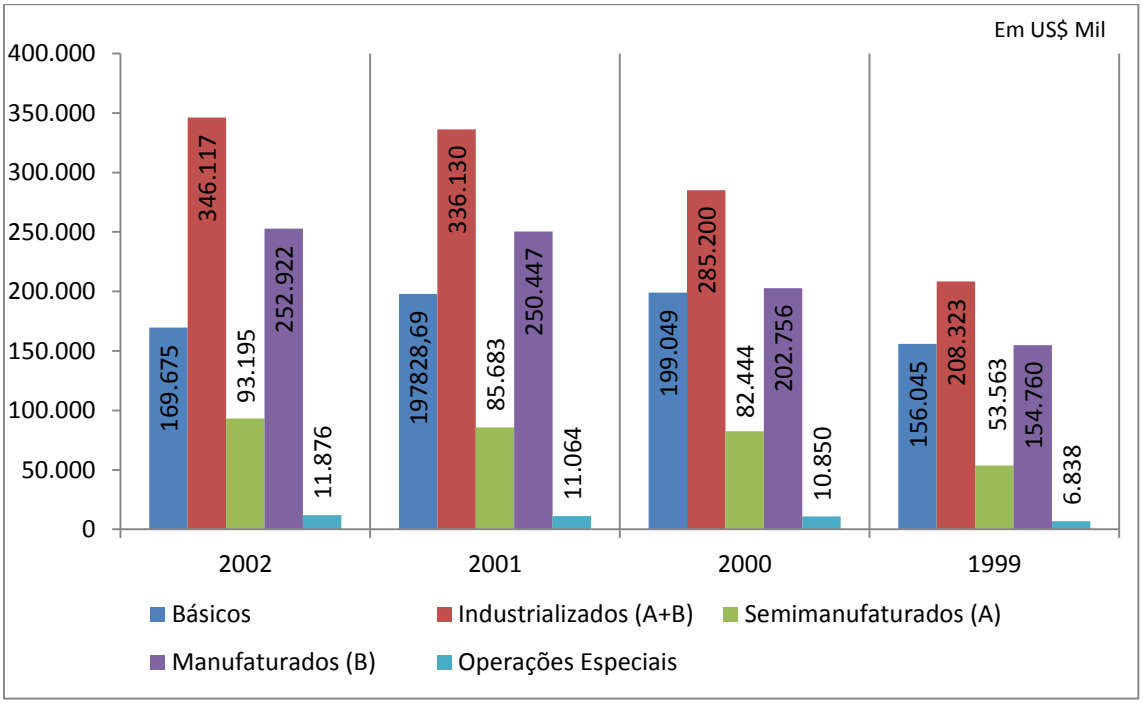
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.2.5. Fator Agregado

Segundo os dados extraídos do MDIC, as exportações cearenses vêm sendo sustentadas pelas vendas dos produtos industrializados (semimanufaturados e manufaturados), correspondendo a 65,59% no ano de 2002. Ressalta-se que ao ser realizado uma comparação entre os ano de 2002 e 1999, os produtos industrializados obtiveram um crescimento de 66,14%, sustentado pelo ótimo desempenho tanto dos produto manufaturados quanto os semimanufaturados, reforçando o que já foi dito sobre o forte investimento em industrialização do estado neste período

Já os produtos básicos, apesar de ter um valor agregado menor que os industrializados, representaram 32,16% do total das vendas cearenses. Conseguindo assim ter um aumento de 8,73% ao confrontar com as exportações de 1999.

Gráfico 17. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 1999 à 2002



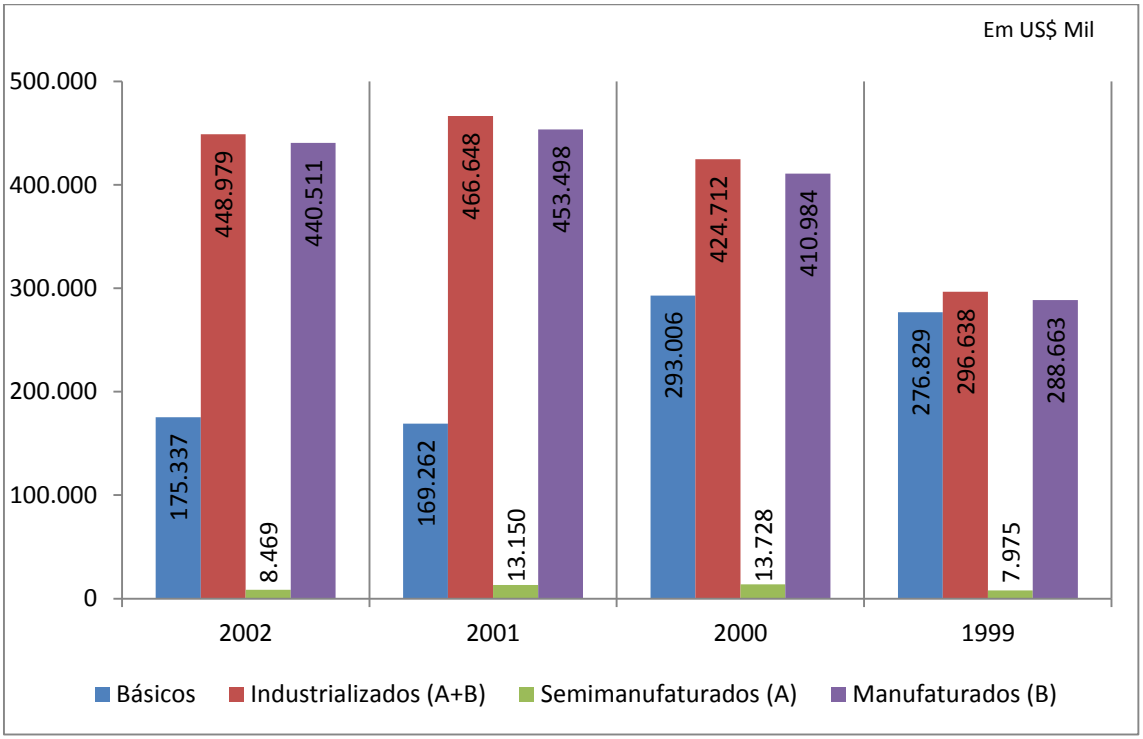
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Nesse período, as importações tiveram os produtos industrializados como as principais mercadorias importadas pelo Ceará. Favorecido por forte aquisição de bens manufaturados, os produtos industrializados representaram 71,92% das compras cearenses em 2002 e cresceram 52,6% ao deparar com os dados de 1999. Ao passo que

as semimanufaturas pouco alteraram nesse quadriênio, contando com apenas 1,36 das exportações de 2002 e uma elevação de 6,19% ao defrontar com 1999.

As importações de produtos básicos apresentaram no mesmo período uma queda de 36,66% do valor importado, somando 28,08% do total de importações do ano de 2002.

Gráfico 18. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 1999 à 2002



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.3. Balança Comercial do Ceará entre 2003 e 2006

Depois de 10 anos apresentando déficits contínuos, no período entre 2003 e 2006 a balança comercial cearense começou a ser superavitária, com exceção apenas no último ano do governo de Lúcio Alcântara. Os anos de 2003, 2004 e 2005 apresentaram superávit de US$ 220,1 milhões, US$ 285,7 milhões e US$ 345,1 milhões, respectivamente, cabendo apenas ao ano de 2006 ter obtido déficit que foi de US$ 136,3

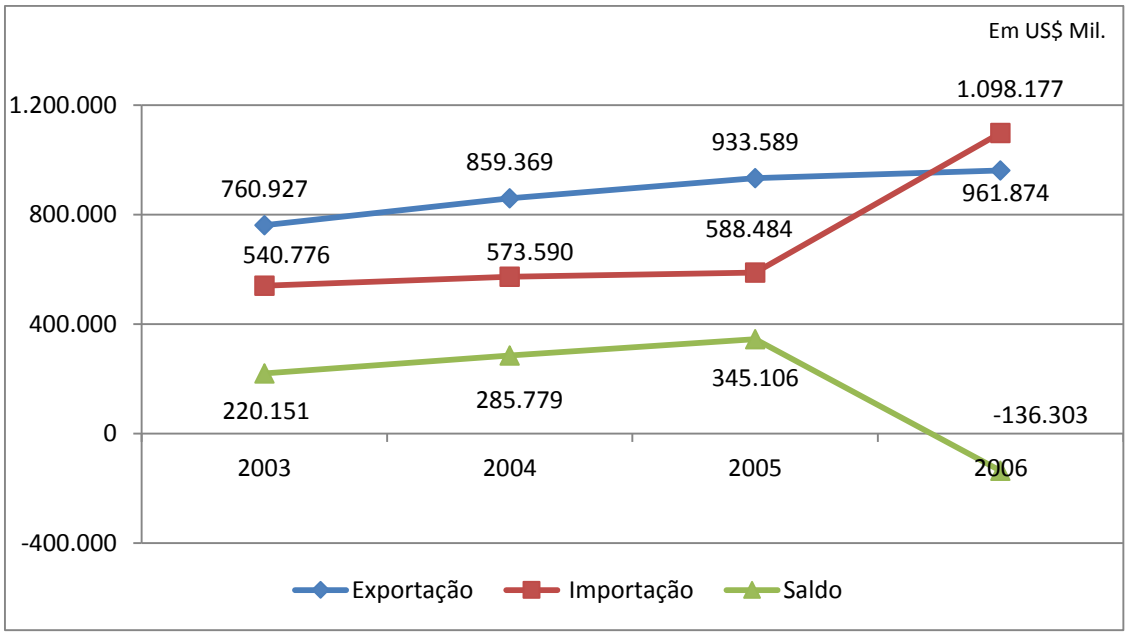
milhões. O bom desempenho da balança comercial deveu-se ao crescimento das exportações que foi de 26,41% durante esse quadriênio, onde, mesmo abaixo das perspectivas do governo que era exportar acima de US$ 1 bilhões, no ano de 2006 os produtos vendidos para o exterior foram de US$ 961,9 milhões. Já as importações, estas que pouco oscilaram nos três primeiros anos, atingiram mais de US$ 1 bilhão, obtendo assim um crescimento de 103,07% ao comparar com 2003 e foi o principal fator para a balança comercial em 2006 ser negativa.

É importante ressaltar que o Fluxo do Comércio Internacional, que sintetiza o somatório de importações e exportações, alcançou o valor de US$ 6,3 bilhões nesses quatros anos, graças à sua diversidade de produtos exportados e conquista de novos mercados. Calçados e frutas fortaleceram as exportações, enquanto combustíveis, ferro e cereais se destacaram na pauta importadora.

Os principais parceiros comerciais continuaram sendo os Estados Unidos, país o qual o Ceará obteve um superávit de US$ 193,3 milhões no ano de 2006. Em 2006, os argentinos foram o segundo maior destino dos produtos produzidos no estado, contando com US$ 95,2 milhões das exportações cearenses, e isso evidencia sinais de recuperação da economia argentina, mesmo que paulatinamente, desde 2003. Sendo assim, as relações comerciais entre este importante parceiro sul americano e nossos produtores cearenses cresceram no decorrer do período tratado.

Em 2003, o Ceará representou 1,04% das exportações brasileiras, enquanto que nos anos de 2004, 2005 e 2006, participou de 0,89%, 0,79% e 0,7%, respectivamente. Os exportadores cearenses enfrentaram uma valorização do real frente ao dólar, principalmente em 2005 e 2006, e isso afetou os resultados de alguns produtos que enfrentavam concorrência externa como calçados e têxteis. A contribuição cearense com as importações brasileiras foi de 1,12% em 2003, 0,91% em 2004, 0,85 em 2005 e 1,2% em 2006. A valorização cambial da moeda brasileira diante o dólar contribuiu para a ascensão dos produtos internalizados.

Gráfico 19. Balança Comercial - Ceará - 2003 à 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.3.1. Principais produtos da pauta de exportação cearense entre 2003 e 2006

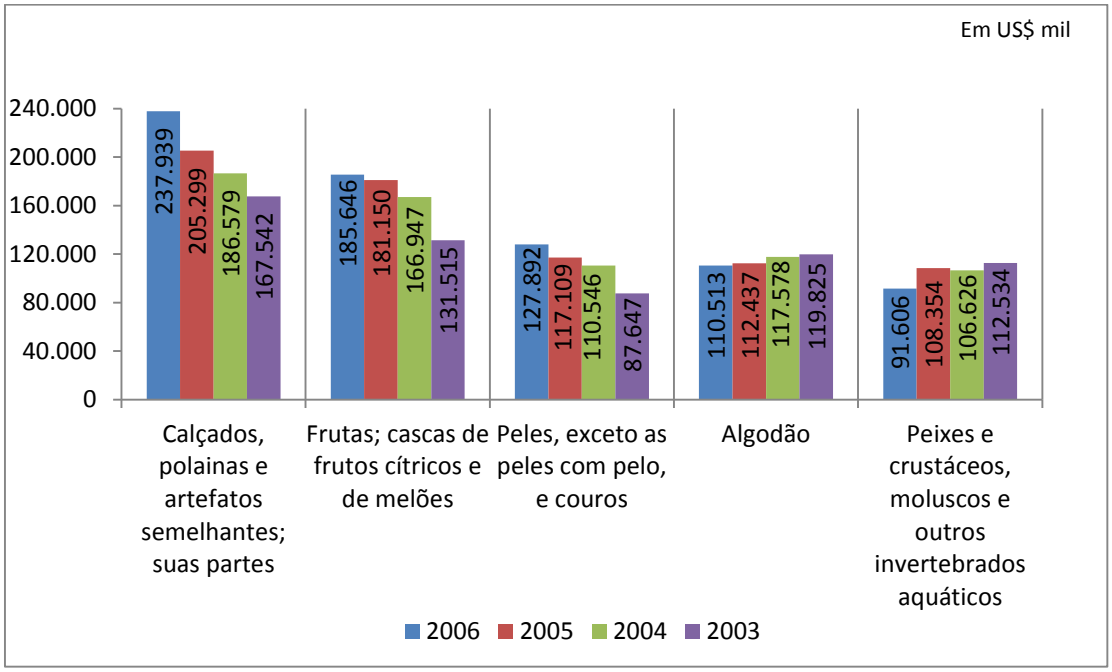
Seguindo o bom desempenho dos anos anteriores, o setor "Calçados, polainas e artefatos semelhantes" continuou sendo o mais importante das exportações cearenses entre 2003 e 2006. Vale ressaltar que este produto vem desde 2001 representando mais de 20% das exportações cearenses, sendo 21,97% em 2003, 21,66% em 2004, 21,99% em 2005 e 24,74% em 2006.

O setor "Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões" aparece em segundo na pauta exportadora cearense com participação de 19,3% em 2006, 19,4% em 2005, 19, 38% em 2004 e 17,25% em 2003. Como consequências de projetos voltados para o desenvolvimento da agricultura, o caso da fruticultura obteve resultados expressivos, principalmente na produção de abacaxi, melancia, goiaba, uva, banana, coco, melão e castanha de caju.

Em terceiro encontra-se "Peles, exceto as peles com pelo, e couros" representando 13,30% em 2006, 12,54 em 2005, 12,83% em 2004 e 11,49% em 2003. Em quarto lugar, "Algodão" contribuiu com 11,49% em 2006, 12,04% em 2005, 13,65% em 2004 e 15,71% em 2003 nos produtos vendidos para o exterior.

Vale destacar que o produto mais exportado pelo Ceará no período foi "Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos", porém é o segundo maior produtor de carcinicultura do Brasil. Este setor vem gerando emprego a inúmeras pessoas da zona rural, e, utilizando de uma produção que ocorre durante o ano todo, permite um aproveitamento de vantagem competitiva, diferente do que acontece nos demais países. Mesmo com as barreiras impostas ao camarão brasileiro provocado pelos Estados Unidos em 2004, que afetou a diretamente a exportação cearense, o Tsunami ocorrido na Ásia abriu uma lacuna aos produtores cearenses deixada pela Tailândia, que era o maior produtor mundial de camarões criados em cativeiro.

Gráfico 20. Principais Produtos Exportados - Ceará - 2003 à 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

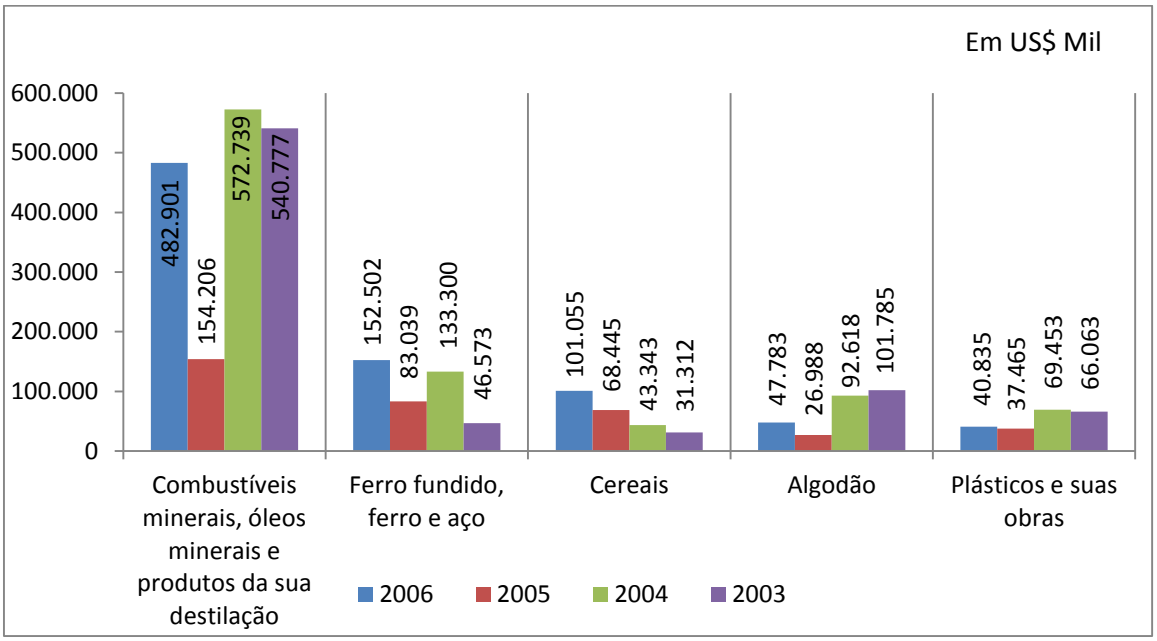
4.3.2. Principais produtos da pauta de importação cearense entre 2003 e 2006

Apesar de nos anos de 2002 e 2003 o Ceará ter reduzido a aquisição de combustíveis, a partir de 2004 este produto voltou a ser o principal importado pelo estado. Contando com 43,97% em 2006, 26,20% em 2005, 23,27 em 2004 e 8,61% em 2003, este produto gerou enorme impacto, contribuindo para que as importações ultrapassassem US$ 1 bilhão no ano de 2006.

"Ferro fundido, ferro e aço" foi o segundo setor mais importado pelo estado. Sua participação na balança comercial cearense foi de 13,895 em 2006, 14,11% em 2005, 7,57% em 2004, e 5,79% em 2003. Em terceiro lugar encontra-se o setor "Cereais", onde no ano de 2006 compôs com 9,20% das importações, em 2005 11,635 e em 2004 com 16,17% e em 2003 com 18,82%. Em quarto e quinto lugares estão os setores "Algodão" e "Plásticos e suas obras", respectivamente.

A valorização do real que atrapalhou um pouco as exportações, fez com que os produtos importados crescessem a reboque no fim do período tratado. Destacando a compra de combustíveis, pela primeira vez na história as importações ultrapassaram US$ 1 bilhão no ano de 2006, fazendo com que a balança comercial fechasse deficitária despois de três anos apresentando superávit, no que ofuscou o excelente desempenho das exportações durante os anos que correspondem o governo de Lúcio Alcântara.

Gráfico 21. Principais Produtos Importados - Ceará - 2003 à 2006



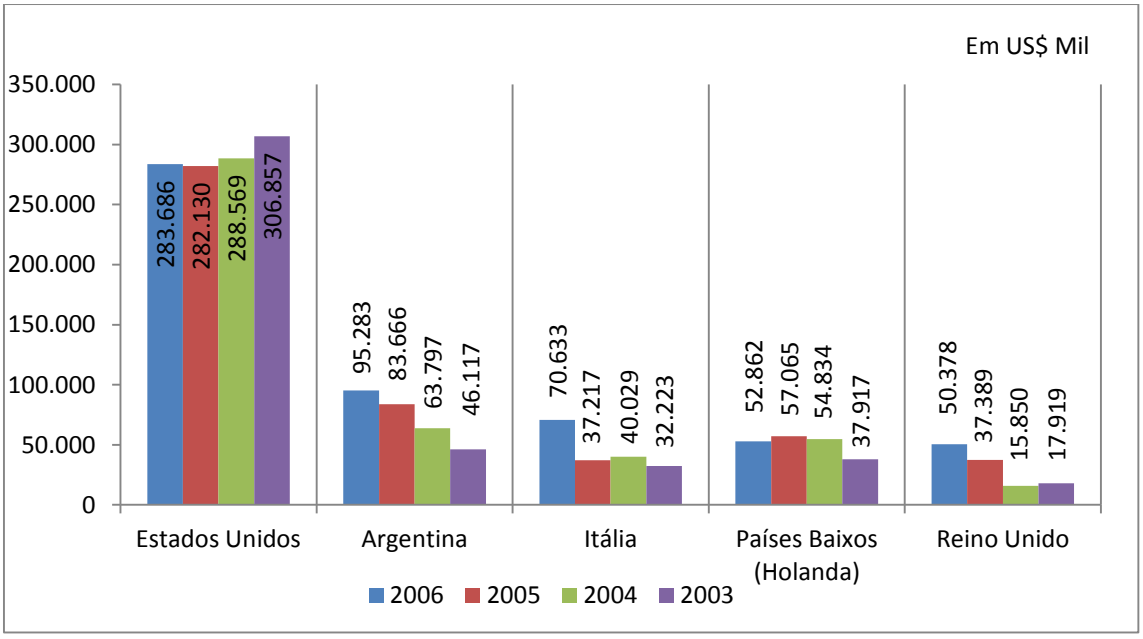
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.3.3. Principais Países

Entre 2003 e 2006 o Ceará diversificou os países de destino das suas exportações, porém os Estados Unidos continuaram sendo o principal comprador dos produtos cearenses, seguindo por Argentina, Itália, Holanda e Reino Unido, onde juntos corresponderam a US$ 552,8 bilhões das exportações do estado em 2006.

Ao estender a análise aos 20 maiores destinos, os países que se destacam com os maiores crescimentos entre 2003 e 2006, são: China (566,39%), Japão (150,26%), Venezuela (140,39%), Paraguai (100,2%) Bolívia (98,14%). Em parte causado pelo alto crescimento econômico chinês, tornando um dos principais parceiros econômicos do Ceará e do Brasil, mesmo após os dois países assinarem um acordo de restrição de exportação de alguns produtos chineses para o Brasil, visando proteger a produção interna. Enquanto os que obtiveram redução nas relações com o Ceará no mesmo período, pode-se destacar Portugal (-55,08%), Canadá (-37,63%) e Espanha (-1,56%).

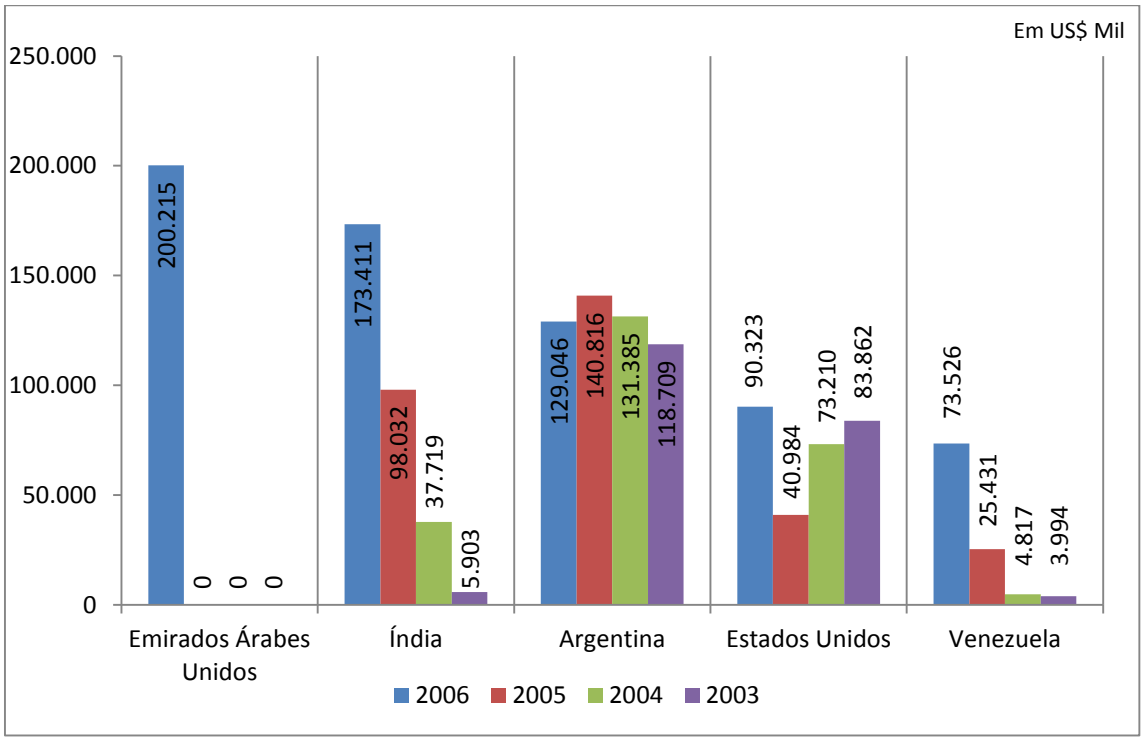
Gráfico 22. Valor das exportações, segundo os principais países de origem - Ceará – 2003 à 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Na tentativa de diversificar seus parceiros econômicos, em 2006 os Emirados Árabes Unidos tornaram-se os principais vendedores de produtos para o Ceará, e juntamente com Índia, Argentina, Estados Unidos e Venezuela, foram responsáveis por US$ 666,5 milhões das importações cearenses. Outros países que se destacam com evolução nas relações comerciais nesse período foram: Ucrânia (4.055,57%), Rússia (2.507,66%), Trinidad e Tobago (2.248,37%), Coréia do Sul (951,94%) e Hong Kong (506,01%).

Gráfico 23. Valor das importações, segundo os principais países de destino - Ceará – 2003 à 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

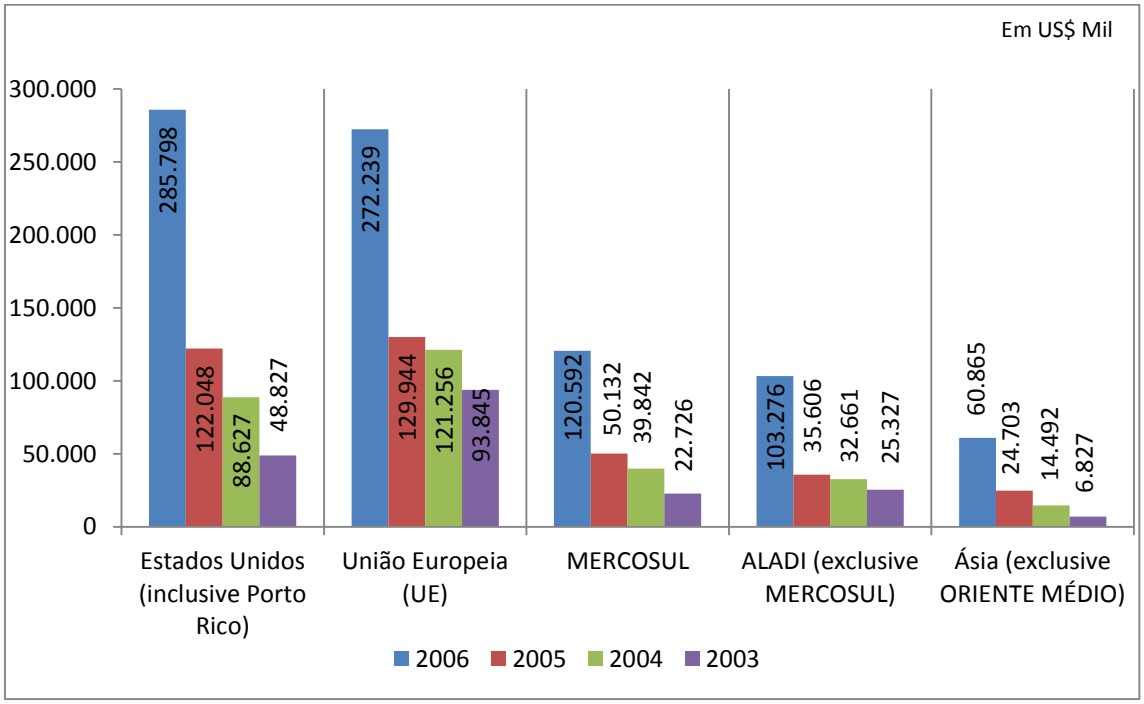
4.3.4. Blocos Econômicos

Como principal bloco econômico, os Estados Unidos (inclusive Porto Rico) permaneceram com principal parceiro das exportações cearenses entre 2003 e 2006, as compras dos produtos cearenses pelos norte-americanos aumentaram 485,32% durante esses quatro anos, chegando ao valor de US$ 285,8 milhões em 2006.

A União Europeia segue em segundo lugar como destino das mercadorias fabricadas no estado, sendo que no ano de 2006 se aproximaram da liderança onde contabilizou US$ 272,2 milhões, ao passo que em 2003 as exportações pra a UE foram de apenas US$ 93,8 milhões.

Em terceiro encontra-se o Mercosul com destino de US$ 120,5 milhões de produtos cearenses em 2006, US$ 50,1 milhões em 2005, US$ 39,8 milhões em 2004 e US$ 22,7 milhões em 2003.

Gráfico 24. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2003 à 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

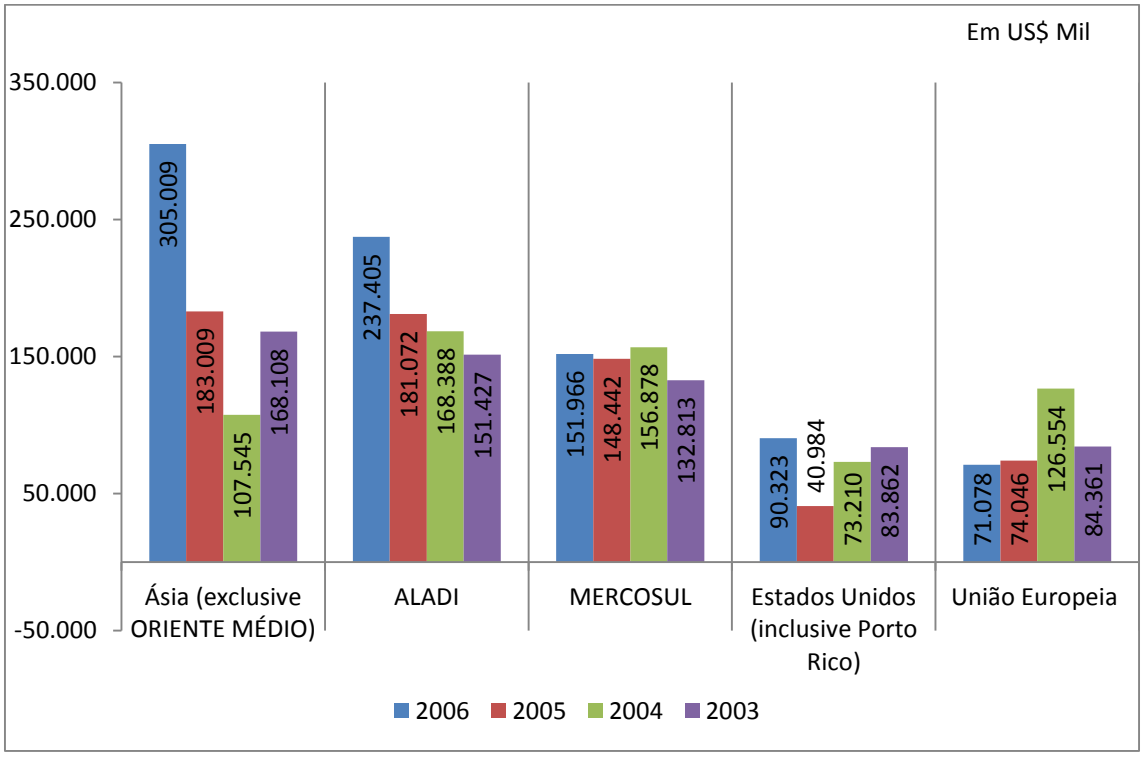
O Ceará foi o principal comprador de produtos oriundos do bloco Ásia (exclusive Oriente Médio). Muito se deve, como citado anteriormente, ao forte crescimento chinês. Com 81,44%, este bloco econômico apresentou o maior crescimento das vendas para o Ceará entre 2003 e 2006. Em segundo lugar se encontra

o bloco Aladi, onde no ano de 2006 o estado importou deste bloco US$ 237,4 milhões, US$ 181 milhões em 2005, US$ 168,4 milhões em 2004 e US$ 151,4 milhões em 2003.

Com o aumento das importações da Argentina e Venezuela, o Mercosul permanece em terceiro lugar em valor das importações cearenses com participação de US$ 151,7 milhões em 2006, US$ 148,4 milhões em 2005, US$ 156,9 milhões em 2004 e US$ 132,8 milhões em 2003.

Estados Unidos (inclusive Porto Rico) é o quarto bloco que mais vende para o Ceará e União Europeia é a quinta. Este último apresentou queda de -15,75% durante o período destacado.

Gráfico 25. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2003 a 2006

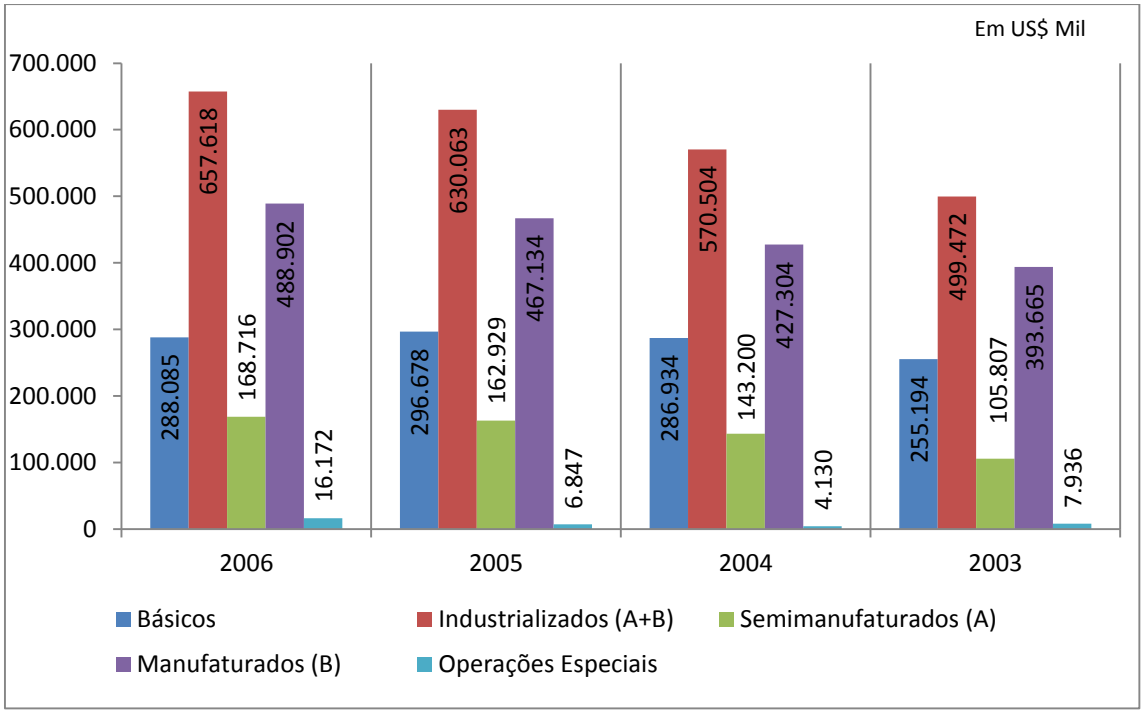


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.3.5. Fator agregado

Sobre as exportações cearenses, é perceptível a mudança na estrutura da pauta de produtos exportados, principalmente, a partir dos investimentos industriais no segundo governo de Tasso com forte presença das indústrias de calçados oriundas do sul e sudeste do país. Os produtos industrializados superaram a participação dos produtos básicos nos anos anteriores, e entre 2003 e 2006 permaneceu este cenário. Durante o período, os produtos industrializados aumentaram sua participação em 31,66%, com destaque para os semimanufaturados que cresceram 59,46%, ao passo que os produtos básicos elevaram em 12,89%.

Gráfico 26. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 2003 à 2006

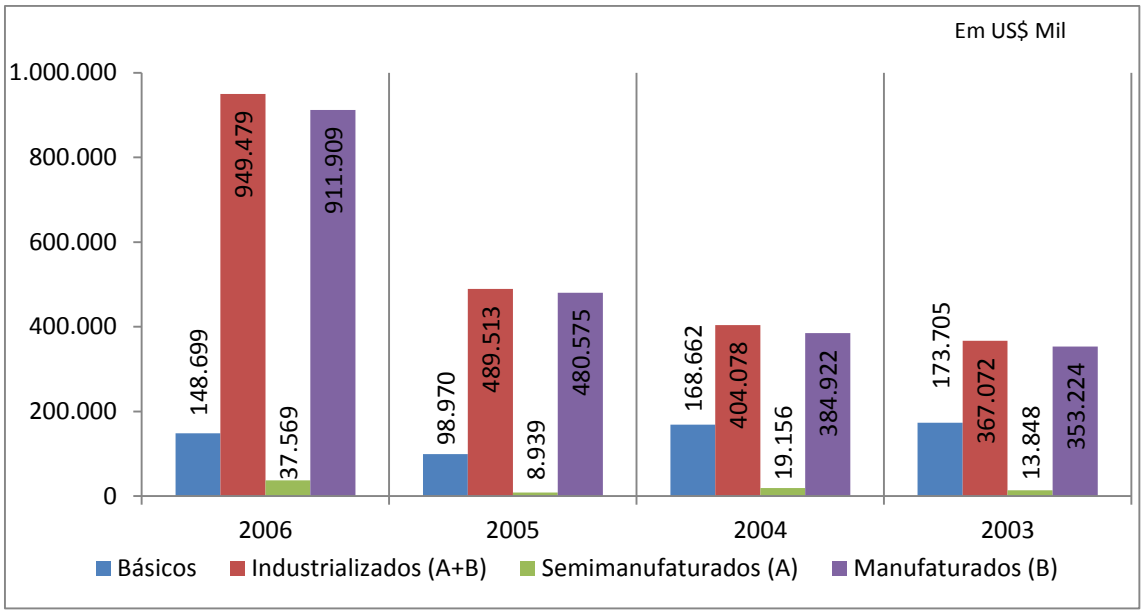


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Os produtos industrializados foram os mais importados, onde alcançaram um crescimento de 158,66% entre os anos abordados, com destaque para os produtos

manufaturados que obtiveram o valor de US$ 911,9 milhões em 2006. Já os produtos básicos houve um decréscimo de -14,4% na composição das importações cearenses.

Gráfico 27. Valor das importações do Ceará por Fator Agregado - 2003 â 2006



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.4. Balança Comercial do Ceará entre 2007 e 2010

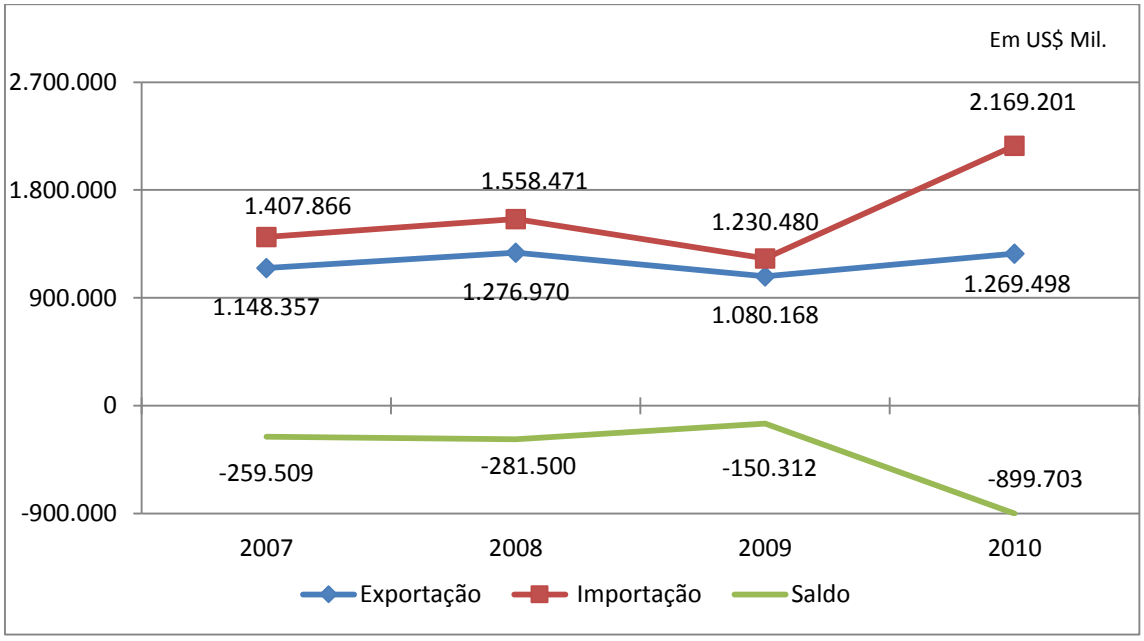
O saldo da Balança Comercial nos primeiros quatro anos do mandato de Cid Gomes permaneceram no ritmo do final do mandato anterior. O déficit perdurou durante os anos de 2007 a 2010, apesar de ultrapassar a meta perseguida de US$ 1 bilhão nas exportações no primeiro ano, as importações seguiram a tendência de aumento, principalmente, após as políticas de incentivo ao consumo, os produtos voltados à atividade industrial vis à vis que as empresas apostaram no crescimento da economia cearense. A meta de exportar US$ 1 bilhão já foi ultrapassada no ano de 2007, onde foi vendido para o comércio exterior mais de US$ 1,14 bilhão, US$ 1,28 bilhão em 2008, US$ 1,08 bilhão em 2009 e US$ 1,27 bilhão em 2010. Em contrapartida, as importações também aumentaram significantemente, onde foi registrado US$ 1,41 bilhão em 2007, US$ 1,56 bilhão em 2008, US$ 1,23 bilhão em 2009 e US$ 2,17 bilhões em 2010.

Vale ressaltar que o valor do Fluxo do Comércio Internacional do período foi de US$ US$ 11,1 bilhões entre 2007 e 2010, uma variação de 76,37% em relação aos quatro anos anteriores.

Dentre os principais parceiros comerciais, o Ceará obteve superávit com os Estados Unidos e Reino Unido com US$ 285 milhões e US$ 118 milhões, respectivamente. Enquanto que as relações com a Argentina foram deficitárias, registrando saldo negativo de US$ 5 milhões com nosso vizinho de Mercosul.

A participação cearense nas exportações brasileira permaneceu estável, onde contribuiu com 0,71% em 2007, 0,65% em 2008, 0,71% em 2009 e 0,63% em 2010. Quanto às importações, sua cooperação oscilou no período, registrando 1,17% em 2006, 0,9% em 2008, 0,96% em 2009 e 1,19% em 2010.

Gráfico 28. Balança Comercial - Ceará - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

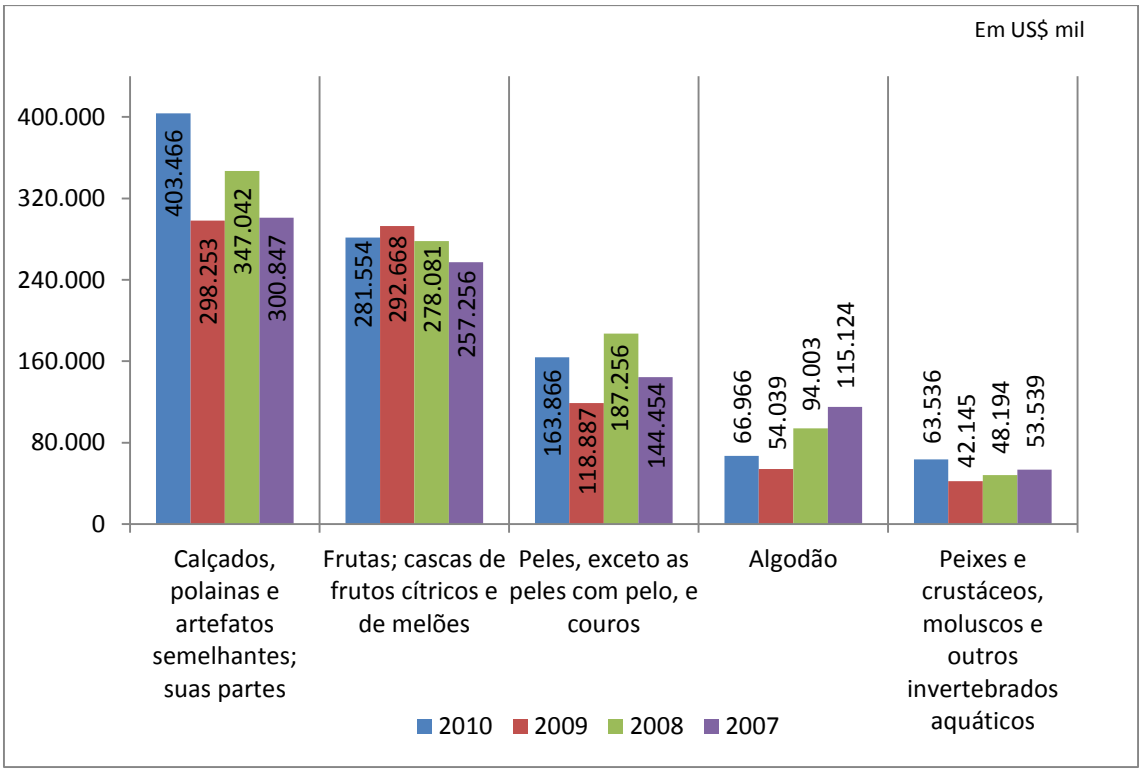
4.4.1. Principais produtos da pauta de exportação cearense entre 2007 e 2010

Os principais produtos exportados no período tratado não divergem muito em relação aos quatro anos anteriores. “Calçados, polainas e artefatos semelhantes” continuaram sendo os produtos cearenses mais vendidos ao mercado exterior entre 2007

e 2010. Com 31,78%, este produto aumentou sua participação nas exportações cearenses já no ano de 2010, no ano de 2009 contribuía com 27,61%, em 2008 com 21,78% e 2007 com 26,20%.

Em segundo lugar encontra-se "Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões" com representação de 22,18% em 2010, 27,09% em 2009, 21,78% em 2008 e 22,4% em 2007. Peles ocupa a terceira posição com 12,91% em 2010, 11,01% em 2009, 14,66% em 2008 e 12,58% em 2007. Juntos estes três produtos representam 2/3 do total exportado em 2010.

Gráfico 29. Principais Produtos Exportados - Ceará - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

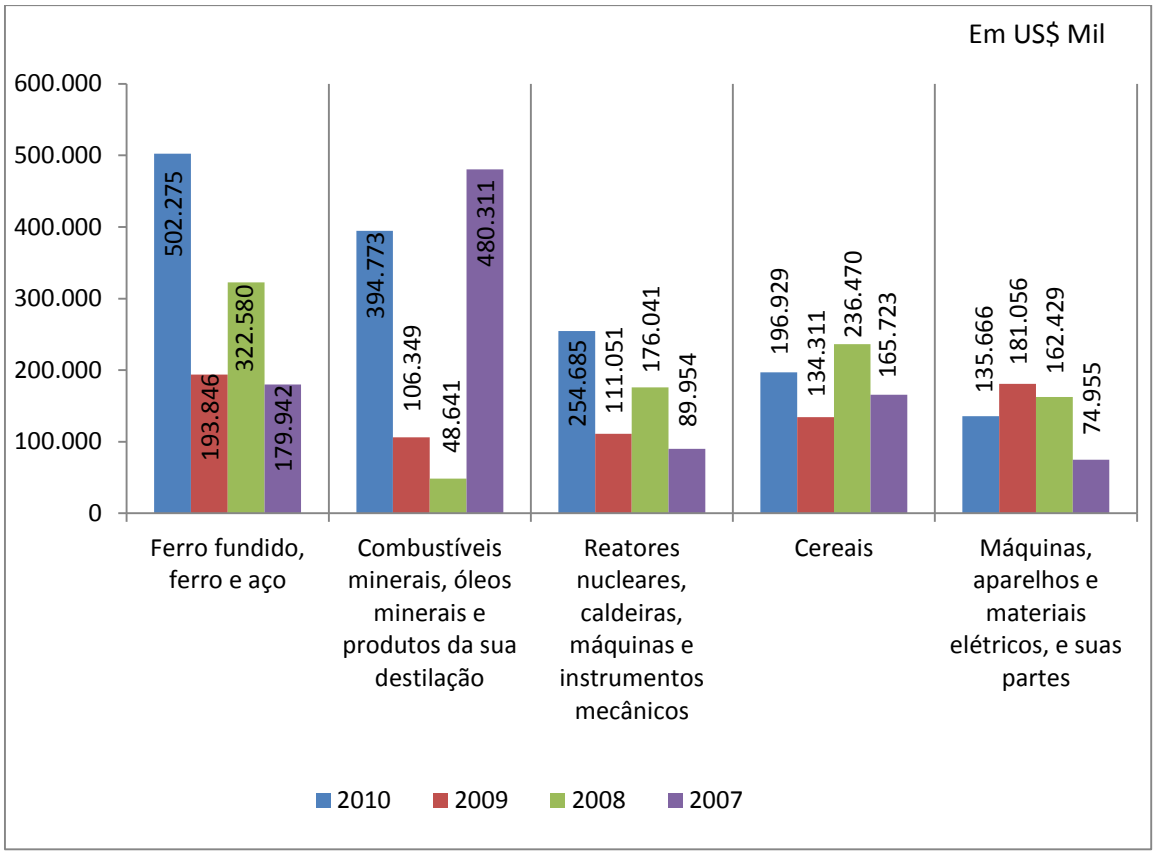
4.4.2. Principais produtos da pauta de importação cearense entre 2007 e 2010

O produto "Ferro fundido, ferro e aço", que há muito tem se destacado nas importações cearenses, cresceu 179,13% entre 2007 e 2010, onde durante o ano de 2010 representou 21,15% das vendas cearenses para o exterior, 15,75% em 2009, 20,7% em 2008 e 12,78% em 2007.

"Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação" perdeu uma posição e é segundo produto mais importante para as importações no período tratado foi que assinalaram sua participação com 18,2% em 2010, 8,64% em 2009, 3,12% em 2008 e 34,12% em 2007. Porém sua variação entre 2007 e 2010 foi negativa em 17,81%, sendo um dos poucos produtos que reduziram seu desempenho.

Em terceiro lugar está "Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos" com contribuição nas saídas de mercadorias para o exterior de 11,74% em 2010, 9,03% em 2009, 11,3% em 2008 e 6,39% em 2007.

Gráfico 30. Principais Produtos Importados - Ceará - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

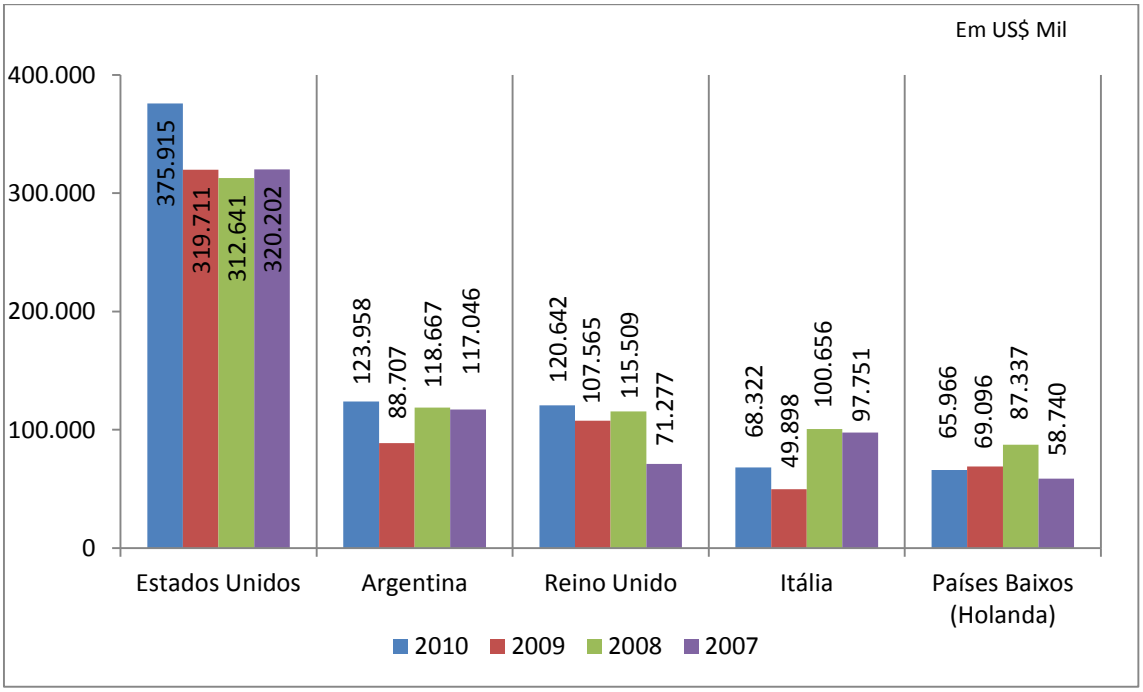
4.4.3. Principais Países

No período que compreende entre 2007 e 2010, as exportações do Ceará mantiveram-se sempre acima de US$ 1 bilhão. Os Estados Unidos permaneceram como os principais compradores dos produtos cearenses. Não houve grandes mudanças quanto

aos outros destaques na exportação, onde Argentina, Reino Unido, Itália e Países Baixos (Holanda) foram responsáveis por US$ 2,8 bilhões no período citado, e encerraram o ano de 2010 responsáveis por 59,46% das compras das mercadorias produzidas no estado.

Dentre os 20 países que obtiveram maiores variações na pauta exportadora cearense entre 2007 e 2010, pode-se destacar: República Tcheca (990.55%), Hong Kong (78,19%), China (17,29%), Japão (43,02%) e Espanha (36,7%). Ao passo que México, Alemanha e Canadá tiveram um decréscimo de -27,65%, -6,71% e -2,73%, respectivamente, no total das exportações cearenses durante o período citado.

Gráfico 31. Valor das exportações, segundo os principais países de destino - Ceará – 2007 à 2010

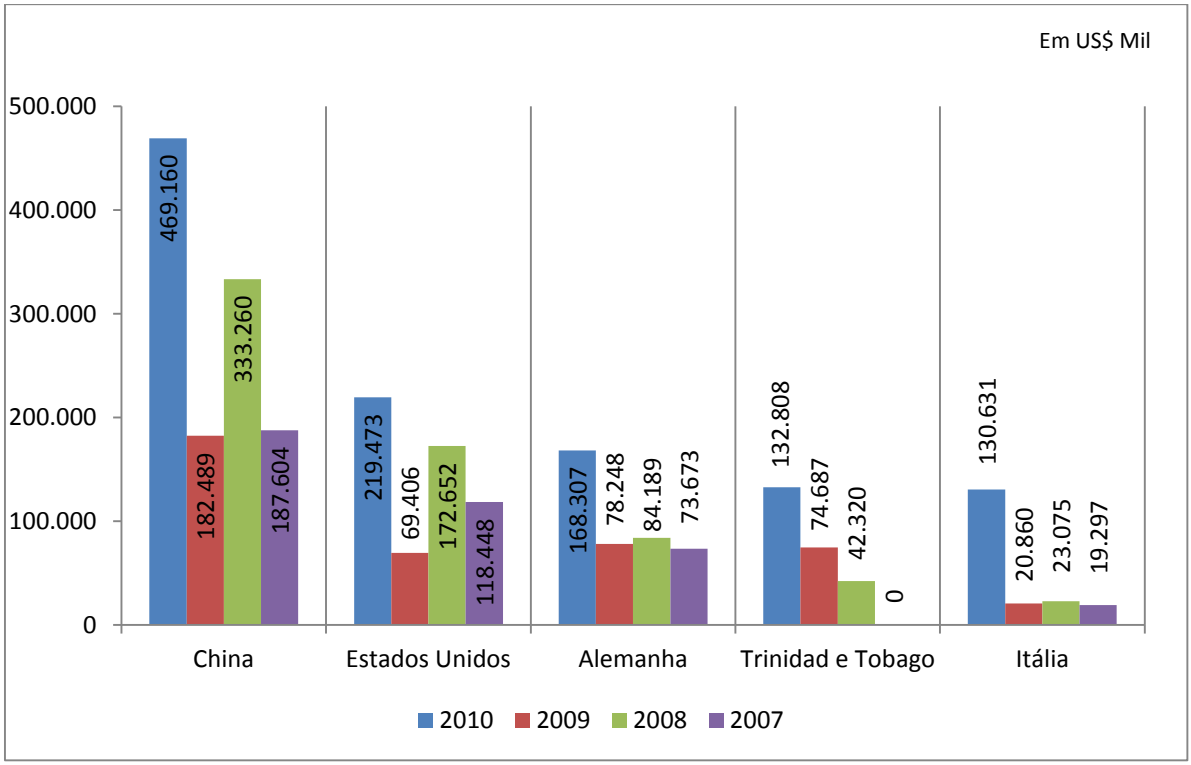


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

No tocante às importações, entre 2007 e 2010 a China tornou-se o principal exportador para o Ceará seguido por Estados Unidos, Alemanha, Trinidad e Tobago e Itália, onde juntos foram responsáveis por US$ 2,6 bilhões durante os quatro anos tratados e participaram de 51,65% das importações cearenses em 2010.

Ao analisar as 20 maiores origens da pauta importadora é possível perceber que Emirados Árabes Unidos (545.895,21%), Turquia (33.059,37%), Vietnã (3.208,08%), Reino Unido (2.025,63%) e Uruguai (964,53%) se sobressaíram com seus elevados crescimentos durante o período citado. Já Índia, África do Sul, Argentina e Canadá revelaram um recuo de -85,26%, -27,03%, -23,56% e -10,11%, respectivamente, nas importações do Ceará.

Gráfico 32. Valor das importações, segundo os principais países de origem - Ceará - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

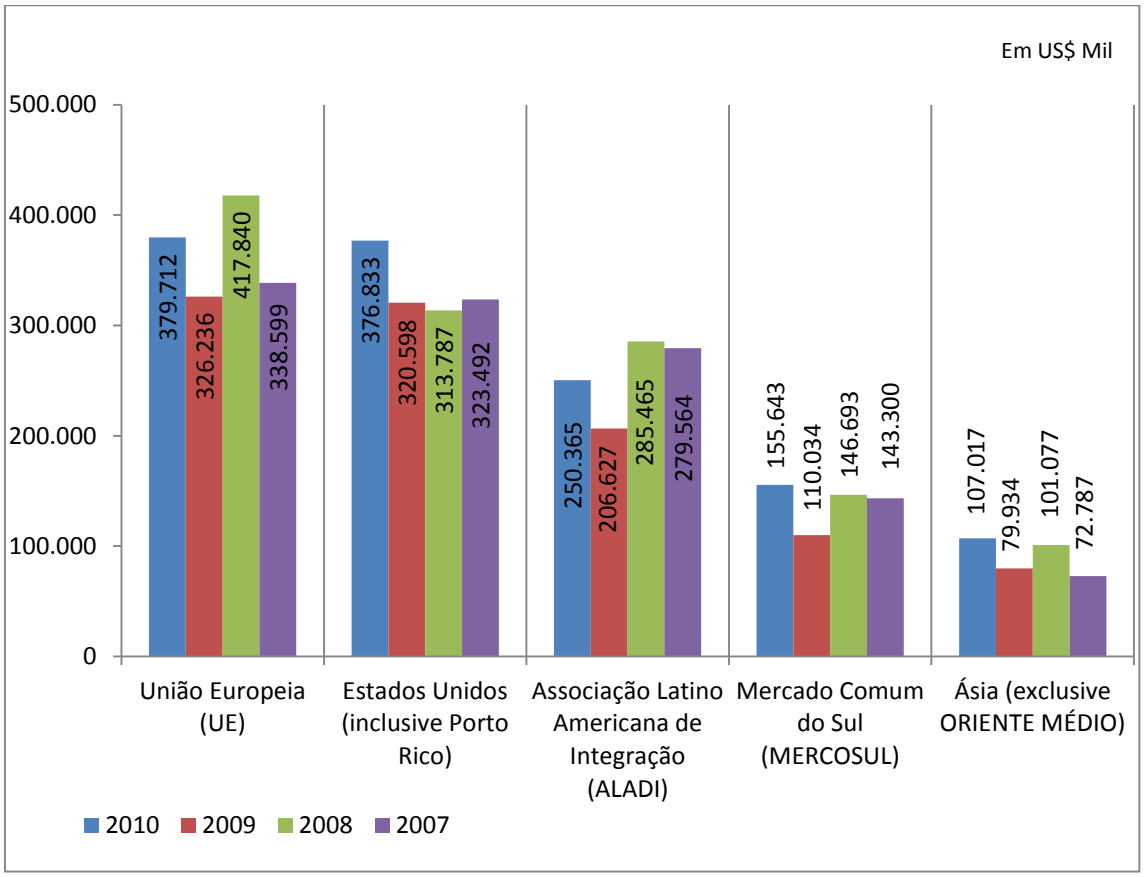
4.4.4. Bloco Econômico

O bloco União Europeia foi o que teve maior representatividade nas exportações cearenses entre 2007 e 2010, onde alcançaram uma variação de 12,14%, onde saltou de US$ 338,5 milhões em 2007 para US$ 379,7 milhões em 2010.

Em seguida, o bloco Estado Unidos (inclusive Porto Rico) perdeu uma posição aparecendo em segundo com uma elevação de 16,49% no período analisado. Vale ressaltar que a Aladi sofreu uma redução de -10,44% no período, mas aparece na

terceira posição entre os principais blocos compradores de mercadorias produzidas no Ceará.

Gráfico 33. Valor das exportações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2007 à 2010

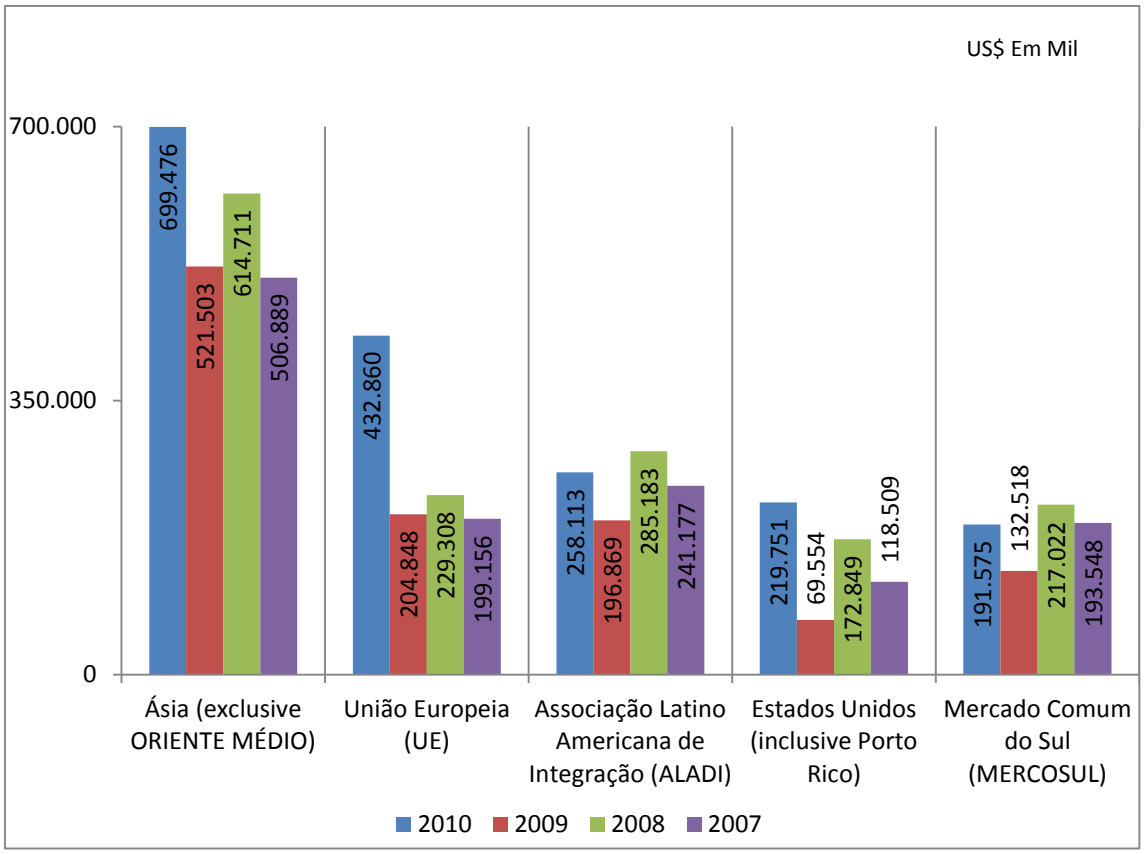


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Ásia (exclusive Oriente Médio) permaneceu sendo o bloco que mais exportou produtos para o Ceará. Este bloco econômico aumentou sua participação em 37,99% entre 2007 e 2010, alcançando US$ 669,5 milhões das importações do estado.

Em seguida aparece a União Europeia, com uma considerável elevação de 117,35% aparece em segundo dentre os blocos que mais exportaram para o Ceará no período abordado. O terceiro é o bloco Aladi, mas destaca-se que o Mercosul obteve uma queda de -1,02% no período.

Gráfico 34. Valor das importações, segundo os principais blocos econômicos - Ceará - 2007 à 2010

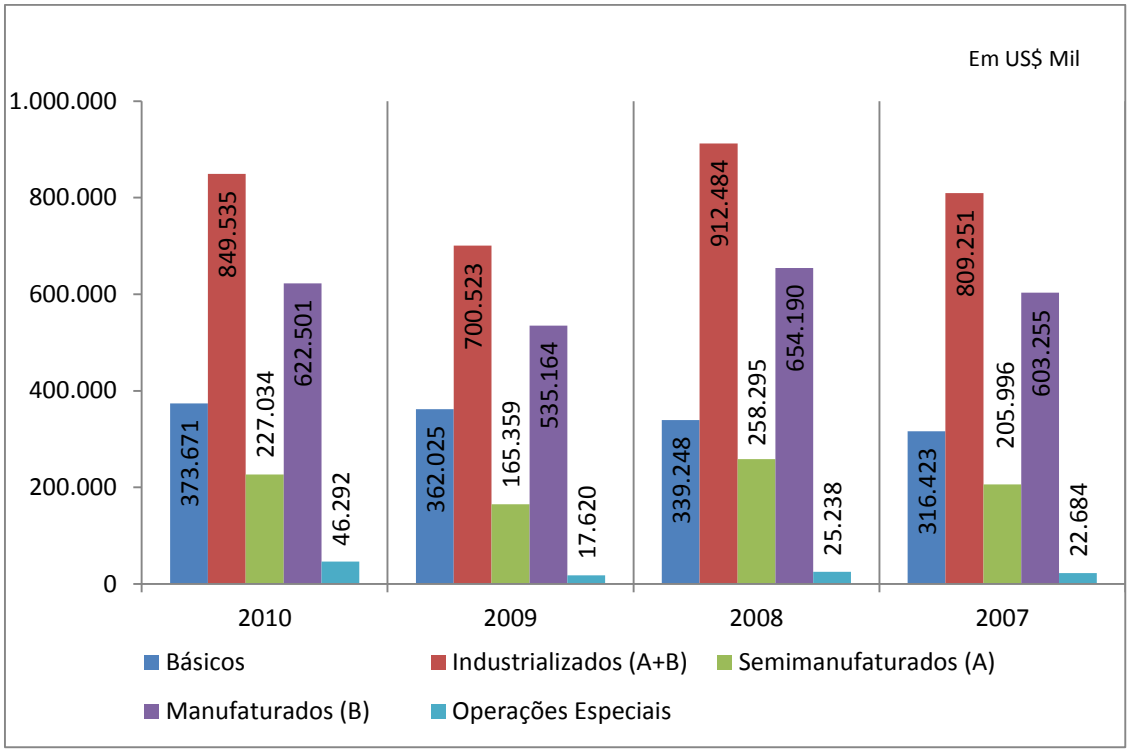


Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

4.4.5. Fatores Agregados

Os produtos industrializados foram os mais exportados no Ceará entre 2007 e 2010. Com 66,92% nas participações das vendas para fora do país, este segmentos aumentou 4,98% no período, onde contou com 17,88% de produtos semimanufaturados e 49,04% de manufaturados. Já os produtos Básicos aumentaram 18,09% no período tratado, é perceptível que seu crescimento foi maior mesmo tento um menor valor que os produtos industrializados.

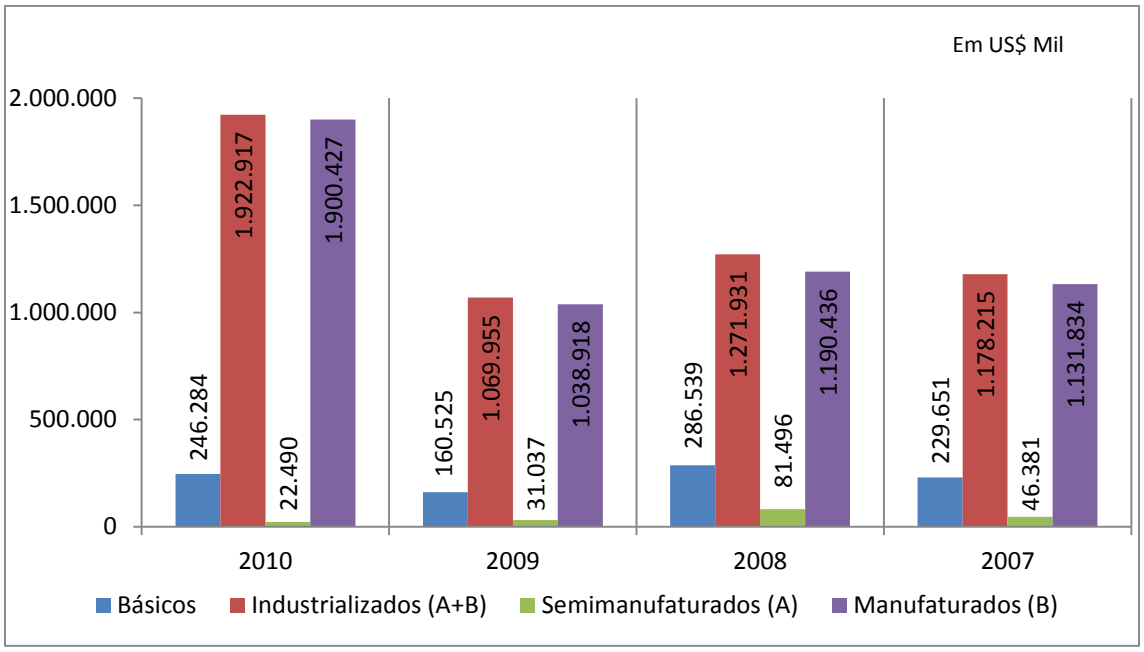
Gráfico 35. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

Ao se observar as importações, observa-se que a maior participação também são dos produtos industrializados com 88,65% em 2010, e mesmo com uma redução de 51,51% dos produtos semimanufaturados entre 2007 e 2010, sua variação foi positiva em 63,61% neste mesmo período. Os manufaturados, que obtêm maior valor, contaram melhoram seu desempenho em 67,91%, ao passo que os produtos Básicos tiveram uma pequena melhora de 7,24% durante o período abordado.

Gráfico 36. Valor das exportações do Ceará por Fator Agregado - 2007 à 2010



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC

5. CONCLUSÃO

O período entre 1995 e 1998 ocorreram fatos marcantes como a alteração cambial passando a adotar uma política de flexibilidade, a crise mexicana, programas de privatizações das empresas estatais, no que registrou-se um aumento na entrada de empresas multinacionais no país e influenciaram a política de comércio exterior voltada para a inserção internacional brasileira. O país buscou novos parceiros comerciais, assim como novos produtos para aumentar a dinâmica comercial.

O Plano de Desenvolvimento Sustentável idealizado no governo Tasso Jereissati deu ênfase aos estímulos fiscais e incentivos às empresas exportadoras com os programas PCDI e PROAPI, a necessidade de aumento na profundidade do Porto do Mucuripe e construção de um complexo portuário visando expandir a capacidade de fluxo de mercadorias. Apesar dos estímulos do Governo de Tasso o volume de produtos exportados cresceu num ritmo baixo e mesmo com a redução das importações não foi o suficiente para fazer com que a balança comercial sofresse um déficit. Mas deixou evidente a preocupação do governo em expandir a pauta exportadora cearense.

Entre 1999 e 2002 ocorrem muitos fatores que desafiaram o mercado brasileiro e cearense como a crise na Argentina, embargo da América do Norte à carne bovina brasileira, crise energética, dentre outros. Porém, vários elementos foram essenciais para um melhor desempenho do comércio exterior cearense como a consolidação do Real, as políticas de ajuste fiscal, a LRF, a defasagem da variação do câmbio, o comportamento das exportações, a diversificação dos produtos exportados, e o ajuste do PCDI e PROVIN, os quais tinha como objetivo expandir o desenvolvimento para o interior do estado, e realizar uma descentralização das indústrias da região metropolitana de Fortaleza.

É importante destacar que no ano de 2002 o saldo da balança comercial cearense sofreu um déficit de US$ 92 milhões, ao passo que no ano de 1998 o déficit da balança comercial cearense foi de US$ 250,7 milhões. Apesar de o saldo comercial permanecer negativo, deve-se levar em consideração o aumento do valor exportado. Em termos de valor, nos quatro anos correspondentes a 1999 e 2002, foram exportados US$ 1,9 bilhões, enquanto nos quatro anos anteriores foram US$ 1,4 bilhões. Neste cenário,

os principais produtos (calçados, peixes, peles, dentre outros) foram fundamentais para esse bom desempenho.

Mediante um cenário macroeconômico brasileiro favorável, os anos entre 2003 e 2006, as exportações e importações cearenses bateram recordes, mesmo com fatores como limitações à exportação de sapatos, queda do dólar, grande concorrência de produtos importados, principalmente do extremo oriente, entre outros, coube ao estado dar proteção aos produtores cearenses e explorar o complexo industrial do Porto do Pecém com intuito de impulsionar as exportações cearenses.

As medidas adotadas pelo Governo Federal, tais como as reduções da Taxa Selic e isenção de impostos sobre produtos amenizaram os efeitos da crise de 2008. Medidas também foram adotadas no Ceará como reduções e isenções de alíquotas de ICMS para setores estratégicos e maior eficiência na arrecadação, melhorias na infraestrutura, fizeram com que a turbulência da economia mundial fosse menor no estado. E o resultado foi o mostrado com aumento das exportações e importações no período abordado, mas o desafio de retomar uma Balança Comercial superavitária se perdurará durante os próximos anos.

Foi concluído que o bom desempenho em termos de valores alcançados foram resultados das políticas de incentivos às exportações e isenções fiscais concedidas às indústrias para que se instalassem nas regiões metropolitanas e no interior do estado. Tais medidas contribuíram para o crescimento do estado e sua inserção no mercado mundial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, Reinaldo; RODRIGUES, Waldemar (Org.). **Comércio Exterior**: teoria e gestão. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIAMBIAGI, Fabio et al. **Economia brasileira contemporânea**: 1945-2010. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, Campus, 2011.

GUIMARÃES, Antônio Armando da Ponte. **A importância do Incentivo Fiscal para o Desenvolvimento Econômico e Social do Estado do Ceará.** 2010. 37 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Curso de Pós-Graduação em Economia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

HOUAISS, Antônio; Villar, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional**. 8. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

LEMOS, José de Jesus Sousa. **Mapa da Exclusão Social do Brasil**: radiografia de um país assimetricamente pobre. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

LOPES, F. L. O choque à brasileira. In: LEMOS, José de Jesus Sousa. **Mapa da Exclusão Social do Brasil**: radiografia de um país assimetricamente pobre. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Sistema Aliceweb**. Disponível em: http://aliceweb.mdic.gov.br. Acesso em: Diversas datas.

PONTES, P. A. ; ALMEIDA, M. B. . **Política Industrial e as Transformações Econômicas no Ceará no Período 1979-2002**. Políticas Públicas e Sociedade, v. 2, 2003.

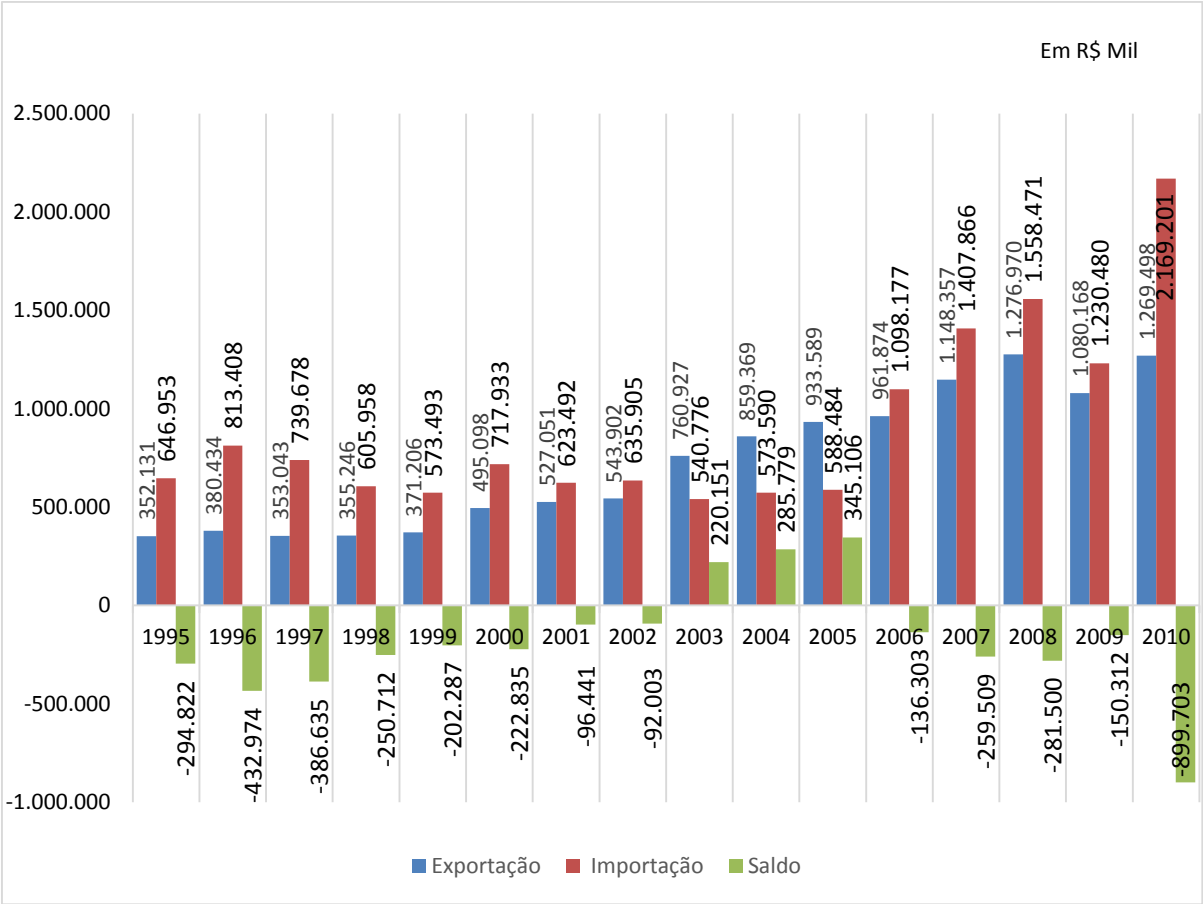
PONTES, P. A.; VIANNA, P. J. R. . **Análise da Política de Incentivo ao Desenvolvimento Industrial do Estado do Ceará no Período 2001-2004**. Fortaleza: Ipece, 2005.

RATTI, Bruno. **Comércio internacional e câmbio**. 11 ed. São Paulo: Lex editora, 2006.

RICARDO, David. On the principles of political economy and taxation. Tradução de Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. Princípios de economia política e tributação. In: DIAS, Reinaldo; RODRIGUES, Waldemar (Org.). **Comércio Exterior**: teoria e gestão. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE. **Guia de Normalização dos Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará.** Fortaleza: UFC, 2013. Disponível em: http://www.biblioteca.ufc.br/servicos-e-produtos/1188-orientacao-para-a-normalizacao-de-trabalhos-academicos. Acesso em: Diversas datas.

ANEXO A – BALANÇA COMERCIAL DO CEARÁ (1995 – 2010)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da SECEX/MDIC